



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA  
**CANA-DE-AÇÚCAR**

V. 2 – **Safra 2015/16**  
N. 1 – Primeiro Levantamento  
Abril/2015

Monitoramento Agrícola



**Presidente da República**

Dilma Rousseff

**Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)**

Kátia Abreu

**Secretaria de Produção e Agroenergia (SPAÉ)**

João Alberto Paixão Lages

**Departamento de Cana-de-Açúcar e Agroenergia (DCAA)**

Fernando José Sales

**Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)**

Rubens Rodrigues dos Santos

**Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)**

João Marcelo Intini

**Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)**

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

**Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)**

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

**Equipe Técnica da Geasa**

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Roberto Alves de Andrade

**Gerência de Geotecnologias (Geote)**

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

**Equipe Técnica da Geote**

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Francielle do Monte Lima (Estagiária)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Patricia Mauricio Campos

**Superintendências Regionais**

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA  
**CANA-DE-AÇÚCAR**

V. 2 – **Safra 2015/16**  
N. 1 – Primeiro Levantamento  
Abril/2015

Monitoramento Agrícola

ISSN: 2318-7921

Acomp. safra bras. cana-de-açúcar, v. 2 – Safra 2015/16, n.1 – Primeiro Levantamento, Brasília, p. 1-28, abr. 2015.



**Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab**  
**Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.**  
**Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>**  
**Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro**  
**Publicação integrante do Observatório Agrícola**  
**ISSN: 2318-7921**  
**Tiragem: 1.000**  
**Impresso no Brasil**

#### **Colaboradores**

André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)  
Miriam Rodrigues da Silva (INMET)

#### **Colaboradores das Superintendências**

AC – Bruno Macedo Siqueira Milhomem;  
AL – Ilo Aranha Fonsêca, Hélcio de Melo Freitas, José Pereira do Nascimento Júnior;  
AM – José Humberto Campos de Oliveira;  
BA – Fausto Carvalho G. De Almeida;  
CE – Gilson Antônio de Sousa Lima ;  
ES – Kerley Souza;  
GO – Adayr Souza, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Rogério César Barbosa;  
MA – Humberto M. Souza Filho, Leidyenne A. Nazária, Luiz Gonzaga C. Filho e Rogério Prazeres da Silva;  
MT – Sizenando Santos;  
MS – Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes;  
MG – Luiz E. Marques Dumont, Márcio C. Magno, Pedro P. Soares e Warlen C. Henriques Maldonado;  
PA – Alexandre Cidon;  
PB – Ernandes Moreira Fonsêca;  
PR – Agnelo de Souza, José Segundo Bosqui, Rosimeire Laretto;  
PE – Clóvis Ferreira Filho, Daniele de Almeida Santos, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva;  
PI – Francisco Souza;  
RJ – Cláudio Figueiredo;  
RN – Luís Gonzaga Araújo e Costa e Manoel Edelson de Oliveira;  
RS – Jaira Testa;  
RO – João Kasper;  
SP – Antônio C. Farias, Celmo J. Monteiro, Cláudio Lobo de Ávila, Elias T. de Oliveira e Marisete Belloli;  
TO – Jorge Carvalho;

#### **Editoração e diagramação:**

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)  
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

#### **Fotos**

Arquivo Geosafra/Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro e Roberto Andrade

#### **Normalização:**

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/1739, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

#### **Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro**

633.61(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar. – v. 1 – Brasília : Conab, 2013- v.

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Quadrimestral

Recebeu numeração a partir de abr./2014.

ISSN 2318-7921

1. Cana-de-Açúcar. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

## Sumário

1. Introdução.....	3
2. Cana-de-açúcar .....	4
2.1. Fisiologia .....	4
3. Estimativa de produtividade – Monitoramento agrometeorológico .....	8
4. Previsão de abril-Maio-Junho de 2015 .....	14
5. Situação geral da lavoura .....	15
5.1. Área.....	17
5.2. Produtividade.....	18
5.3. Produção de cana-de-açúcar .....	18
5.3.1. Produção de açúcar .....	19
5.3.2. Produção de etanol .....	20
6. Resultado detalhado .....	22

## 1. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), no âmbito de um acordo de cooperação com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), promove desde 2005 levantamentos e avaliações quadrimestrais da safra brasileira de cana-de-açúcar. Esse acompanhamento tem o propósito fundamental de abastecer o governo federal com informações que ajudem a gerir as políticas públicas voltadas para o setor sucroalcooleiro, além de fornecer dados importantes ao próprio setor. Isso ocorre porque há um consenso da importância estratégica, econômica e de liderança que o setor sucroalcooleiro tem para o Brasil e da necessidade de ser mantida uma parceria permanente entre o setor público e o setor privado na condução deste assunto.

De acordo com a metodologia empregada pela Conab, este boletim é elaborado com informações coletadas por técnicos da Companhia em visita às unidades de produção em atividade. Este contato com as fontes de informação permite manter os dados atualizados de área cultivada, produtividade por unidade de área, por corte e desempenho industrial de cada unidade de produção. Os dados coletados possuem elevado nível de confiança e é um retrato fiel dos dados repassados pelos técnicos das próprias unidades de produção. Esses dados são publicados consolidados por Unidade da Federação, uma vez que há um acordo entre a Companhia e as unidades de produção com o objetivo de manter sigilo nas informações individuais, uma vez que este é um dado confidencial e estratégico de cada unidade. A tarefa fundamental é analisar a consistência dos números coletados por unidade, efetuar a totalização para cada estado produtor e assim, repassar para o mercado a produção nacional consolidada.

São quatro levantamentos divulgados, sendo que no primeiro é pesquisado dados estimativos como: área em produção, área expandida, área renovada, produtividade, produção, capacidade industrial, energia gerada e consumida, tipo de colheita, desenvolvimento vegetativo da cultura, intenção de esmagamento, quantidade de cana destinada à produção de açúcar e à produção de etanol, dentre outros. O segundo e terceiro levantamentos tem a finalidade de ajustar os dados estimados no primeiro levantamento, apurar as causas das possíveis alterações e após a consolidação das informações estabelecer e atualizar a estimativa da safra de cana-de-açúcar e dos produtos dela originados. Neste quarto levantamento será realizada a consolidação dos números finais da safra de cana-de-açúcar, agregando alguma produção residual nas Regiões Norte e Centro-Sul e o encerramento da colheita na Região Nordeste.

## 2. Cana-de-açúcar

A cana-de-açúcar foi introduzida no país em 1532 e sempre teve importância destacada na economia do país. O país não é só o maior produtor da cultura, seguido por Índia e China, como também o maior produtor de açúcar e etanol de cana-de-açúcar. Responsável por mais de 50% do açúcar comercializado no mundo, o país deve ter aumento na sua produção este ano em 5,0%. Apesar de pouco mais de 50% da produção estar concentrada em São Paulo, a cultura é cultivada em todas as regiões do país. De um modo geral, o país tem dois calendários de colheita, um para a Região Nordeste, que vai de setembro a abril e outro para o restante do país, de maio a janeiro.

A cultura tem um papel ambiental muito importante, uma vez que o etanol, um dos subprodutos da cana-de-açúcar, é uma das melhores alternativas para reduzir a emissão de gases causadores do efeito estufa, haja vista que a sua queima como combustível reduz em 70% a emissão de CO<sub>2</sub> na atmosfera em relação à gasolina (Embrapa Agrobiologia).

### 2.1 Fisiologia

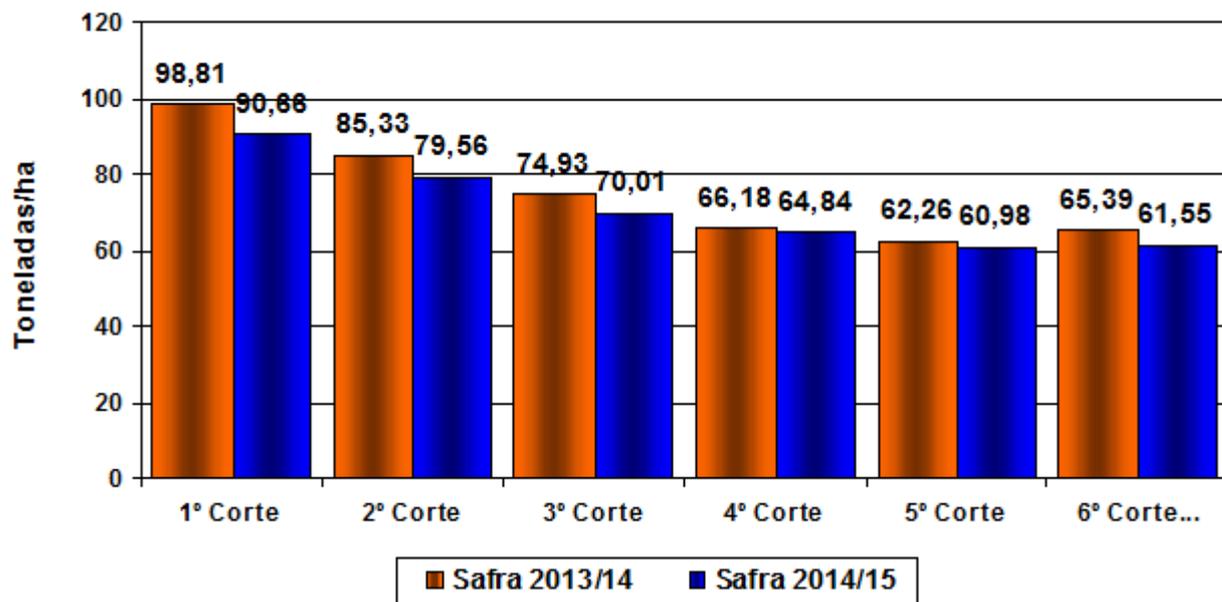
A cana-de-açúcar (*Saccharum spp*) é uma gramínea semiperene e expressa um bom desenvolvimento em solos onde há boa aeração, boa drenagem, o que exige solos com profundidade superior a um metro. O desenvolvimento da cana ocorre em dois ciclos. O primeiro ciclo da cultura é chamado de cana-planta, ou seja, quando a cultura ainda não teve o primeiro corte. O período da cana-planta pode ser de 12 ou 18 meses, conforme a variedade.

Após o primeiro corte encerra-se o ciclo da cana-planta e se inicia o ciclo da cana-soca. Neste ciclo o período passa a ser de 12 meses para todas as variedades. A cultura tem como característica ser semiperene porque permite vários cortes, sem a necessidade de replantio, porém, a cada safra é necessária a aplicação de insumos agrícolas de forma que a cultura continue com patamares de produtividades vantajosos. Quanto maior o número de corte, menor é a resposta da cultura à aplicação desses insumos, o que faz com que em determinado momento seja necessária a renovação desses canaviais. A queda na produtividade agrícola em função de um maior número de cortes pode ser observada no Gráfico 1.

A cana-de-açúcar possui metabolismo fotossintético C<sub>4</sub>, ou seja, é considerada altamente eficiente na conversão de energia radiante em energia química, com taxas fotossintéticas calculadas em até 100 mg de CO<sub>2</sub> fixado por dm<sup>2</sup> de área foliar por hora e,

para efeito de parâmetro, chega a acumular o dobro de biomassa que uma planta C3, como a soja. Além disso, as plantas C4 possuem um mecanismo que diminui a perda de água em ambientes secos (ALENCAR, 2012).

Gráfico 1 – Produtividade agrícola por idade de corte – Em t/ha



Fonte: Conab.

As características intrínsecas da variedade definem o número de colmos por planta, a altura e o diâmetro do colmo, o comprimento e a largura das folhas e a arquitetura da parte aérea, mas as expressões destes caracteres são influenciadas por fatores externos, como as condições climáticas, o manejo e as práticas culturais utilizadas (RODRIGUES, 1995).

Os componentes climáticos responsáveis pela maior expressão de produtividade da cana-de-açúcar são: temperatura (16°C a 33°C), alta incidência de radiação solar e disponibilidade de água no solo, ou seja, ela é considerada uma planta essencialmente tropical. Apesar da cultura se desenvolver em uma boa amplitude térmica, estudos indicam que temperaturas inferiores a 21°C reduzem a taxa de alongamento dos colmos e promovem o acúmulo de sacarose (Magalhães, 1987). Isso explica porque a cultura é pouco expressiva na Região Sul do país. A região é responsável por cerca de 7% da produção nacional, portanto mais de 99,8% desse total é produzido na região norte do Paraná, onde as temperaturas médias são mais altas do que o restante da Região Sul.

Uma das características das gramíneas é a capacidade de perfilhamento. O perfilhamento é o processo no qual a planta emite brotações, colmos ou hastes laterais na mesma planta, os quais recebem a denominação de perfilhos, sendo que esta é a razão mais importante para a produtividade de culturas, como a cana-de-açúcar. A cultura perfilha nos primeiros meses após o plantio (ou após a rebrota) e os fatores que são responsáveis inicialmente pelo perfilhamento são a temperatura e a radiação solar, mas a variedade utilizada, a densidade do plantio, o ciclo (cana-planta ou soca), assim como a disponibilidade de água e a de nitrogênio no solo também podem ser determinantes pela intensidade do perfilhamento (SUGUITANI; MATSUOKA, 2001).

O aumento do perfilhamento de cana-de-açúcar estende-se até os 180 dias após o plantio da cana, ou após o corte da cana-soca e varia em função das condições de temperatura e a disponibilidade hídrica favorável. Após este período há uma redução de cerca de 50% no perfilhamento e a partir dos 270 dias o número de perfilhos tende a estabilizar-se, o que é uma característica fisiológica da cana-de-açúcar. (DILLEWIJN, 1952; BARBIERI, 1993; PRADO, 1988, DAROS et al., 1999; SILVA et al. 2002; CASTRO e CHRISTOFOLETTI, 2005).

Um dos fatores que favorece a estabilização do perfilhamento é o sombreamento ocasionado pela própria cultura, o autosombreamento, mas em contrapartida, isso induz a aceleração do crescimento do colmo principal. A limitação de crescimento nesta fase ocorre apenas quando há déficit no suprimento de água, ocorrência de baixas temperaturas ou ainda devido ao florescimento, sendo este processo indesejável em culturas comerciais.

O florescimento da cana-de-açúcar é um processo natural entre as gramíneas e é indispensável para a sobrevivência da espécie. Porém, do ponto de vista da produção, isso se caracteriza como uma desvantagem, uma vez que o florescimento paralisa o crescimento vegetativo do colmo e com evidente perda do rendimento de açúcar, haja vista que a planta inicia o translocamento de assimilados para a formação da folha bandeira, a qual protegerá a inflorescência, que também recebe assimilados. Após o florescimento pleno a cultura entra em senescência, permitindo novas brotações, o que impacta negativamente no açúcar total recuperável (ATR<sup>1</sup>), uma vez que a planta também precisa translocar assimilados para os novos brotos.

A saída em casos assim é a interferência no metabolismo da planta, a fim de evitar o florescimento. Isso ocorre através do melhoramento genético, ou seja, variedades

---

<sup>1</sup> Quantidade de açúcar disponível na matéria-prima subtraída das perdas no processo industrial.

menos propensas à indução do florescimento e, através de reguladores vegetais, uma vez que a florescência da cana-de-açúcar é controlada por fatores externos, como o fotoperíodo, a temperatura, a umidade e a radiação solar (CASTRO, 1992).

## Referências:

- ALENCAR, K. Análise do balanço entre demanda por etanol e oferta de cana-de-açúcar no Brasil. 2012. 49 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- BARBIERI, V. Condicionamento climático da produtividade potencial da cana-de-açúcar (*Saccharum spp.*): um modelo matemático-fisiológico de estimativa. Piracicaba, 1993. 142 f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Departamento de Física e Meteorologia – ESALQ-USP.
- CASTRO, P.R.C.; CHRISTOFFOLETI, P.J. Fisiologia da cana-de-açúcar. In: MENDONÇA, A.F. Cigarrinhas da cana-de-açúcar: Controle biológico. 1.ed. Maceió: Insecta, 2005. p.3-48.
- CASTRO, P.R.C. Inibidores da florescência e estimulantes da maturação da cana-de-açúcar. In: Encontro cana-de-açúcar. In: ENCONTRO CANA-DE-AÇÚCAR. São Paulo, 1992. Anais... São Paulo: Rhodia Agro, 1992, p.87-91.
- DAROS, E.; ZAMBON, J.L.C.; WEBER, H.; IDO, O.T.; GRACIANO, P.A. Efeito da densidade de plantio em duas variedades de cana-de-açúcar. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE DOS TÉCNICOS AÇUCAREIROS E ALCOOLEIROS DO BRASIL - STAB, 7, 1999, Londrina. Anais... Londrina: Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil, 1999, p. 137-140.
- DILLEWIJN, C. Van Botany of sugarcane. Waltham: Chronica Botanica, 1952. 371p.
- PRADO, A.P.A. Perfilhamento e produção da cana-de-açúcar (*Saccharum spp.*) em função da densidade de plantio. 1988. 69p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" – Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- SILVA, M.A.; LANDELL, M.G.A.; CAMPANA, M.P.; XAVIER, M.A. Produtividade de mudas sob diferentes densidades de plantio, em viveiro oriundo de cultura de meristema. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE DOS TÉCNICOS AÇUCAREIROS E ALCOOLEIROS DO BRASIL - STAB, 8, 2002, Recife. Anais... Recife: Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil, 1999, p. 538-543.
- PICOLI, M. C. A. Estimativa da produtividade agrícola da cana-de-açúcar utilizando agregados de redes neurais artificiais: estudo de caso usina catanduva. 2007. 90 p. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São José dos Campos, 2006.
- MAGALHÃES, A. C. N. Ecofisiologia da cana-de-açúcar: aspectos do metabolismo do carbono na planta. In: Castro, P. R. C.; Ferreira, S. O.; Yamada, T. (Ed.). Ecofisiologia da Produção Agrícola. Piracicaba: Potafós, 1987. p.113-118.
- RODRIGUES, J.D. Fisiologia da cana-de-açúcar. Botucatu: UNESP, 1995. 100p. (Apostila).
- SUGUITANI, C.; MATSUOKA, S. Efeitos do fósforo nas características industriais e na produtividade agrícola em cana-de-açúcar (cana-planta) cultivada em duas regiões do estado de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO SOLO, 28., 2001, Londrina. Ciência do solo: fator de produtividade competitiva com sustentabilidade: resumos. Londrina: SBCS, 2001. p. 119.

### 3. Estimativa de produtividade – Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico teve como objetivo identificar condições mensais no ciclo da cana-de-açúcar em estados com produção significativa. Analisaram-se as condições climáticas no período de desenvolvimento da cana-de-açúcar da safra 2015/16.

O período de desenvolvimento foi definido de acordo com o calendário de colheita mensal. Portanto, em São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e Bahia, o período analisado foi de maio de 2014 a março de 2015. Já em Pernambuco, Paraíba e Alagoas, de outubro de 2014 a março de 2015.

As análises basearam-se na localização das áreas de cultivo, identificadas nos mapeamentos por meio de imagens de satélite (Figura 1); e em parâmetros agrometeorológicos (precipitação acumulada, desvio da precipitação e da temperatura máxima com relação à média histórica - anomalia) (Figuras 2 a 12).

As condições foram classificadas em:

- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados por falta ou excesso de chuvas; e
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos por falta ou excesso de chuvas, que podem causar impactos significativos na produção.

O resultado do monitoramento agrometeorológico é apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Condições hídricas nos períodos de crescimento e colheita da cana-de-açúcar da safra 2014/2015

Safra 2015/2016 - Período de desenvolvimento											
Mês	mai/14	jun/14	jul/14	ago/14	set/14	out/14	nov/14	dez/14	jan/15	fev/15	mar/15
São Paulo											
Goiás											
Minas Gerais											
Mato Grosso											
Mato Grosso do Sul											
Paraná											
Bahia											

Safra 2015/2016 - Período de desenvolvimento						
Mês	out/14	nov/14	dez/14	jan/15	fev/15	mar/15
Paraíba						
Pernambuco						
Alagoas						

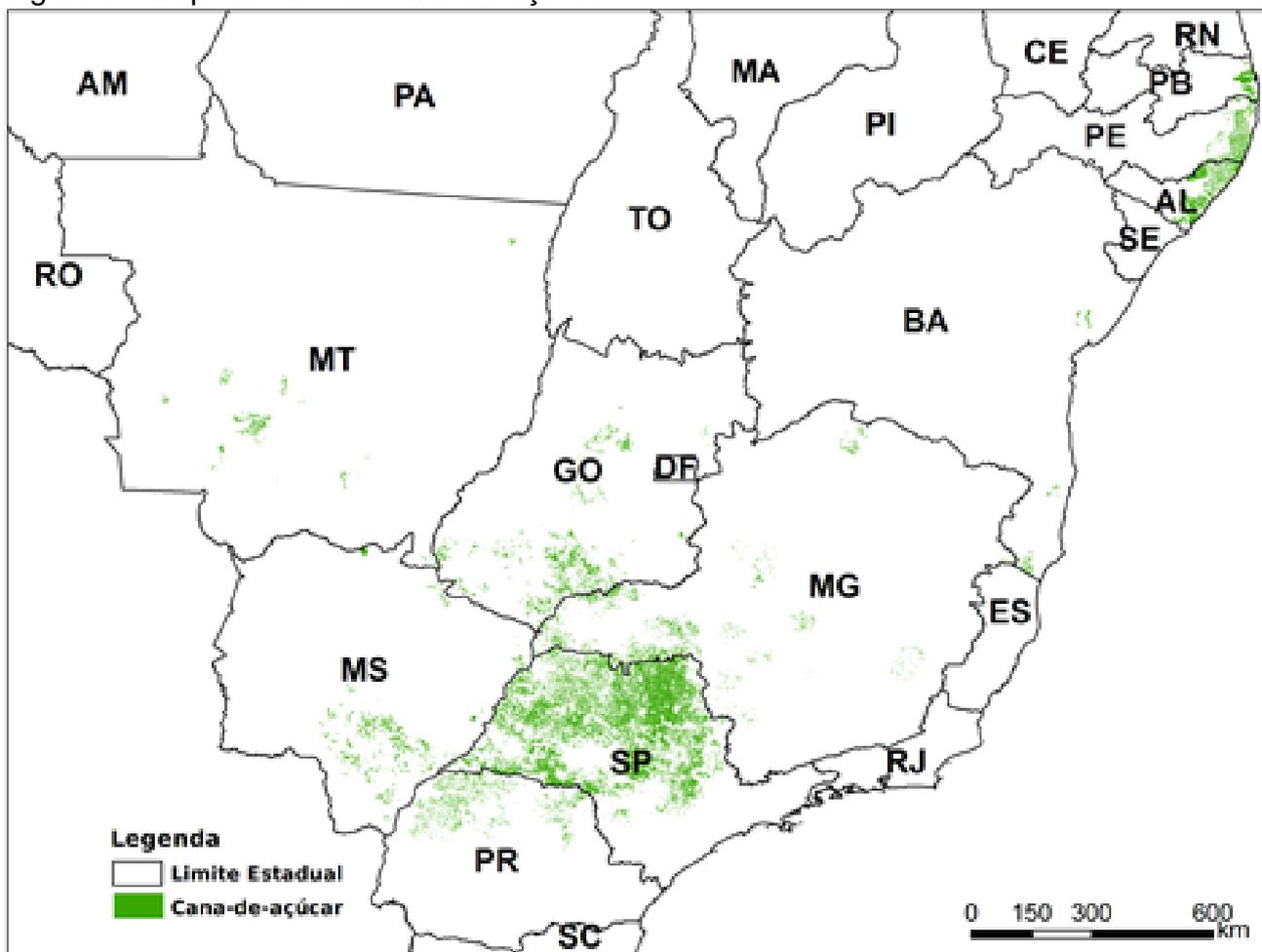
**Legenda**

Favorável	Baixa restrição falta de chuva	Baixa restrição excesso de chuva	Média restrição falta de chuva	Alta restrição falta de chuva
-----------	-----------------------------------	-------------------------------------	-----------------------------------	----------------------------------

Foram observadas condições desfavoráveis para o desenvolvimento da cana-de-açúcar na maior parte da região produtora do Centro-Sul do país, em outubro de 2014 e janeiro de 2015, principalmente. Além das chuvas abaixo da média, houve registros de altas temperaturas. Apesar disso, as chuvas, na maior parte da região, dentro ou acima da média em novembro, dezembro, fevereiro e março contrabalançaram esse cenário negativo.

Nas regiões produtoras do leste paraibano, pernambucano e alagoano, houve condições desfavoráveis para o desenvolvimento da cana-de-açúcar em janeiro de 2015. Em fevereiro, o leste alagoano apresentou condição favorável e as outras regiões condições desfavoráveis. Já em março houve inversão das condições de fevereiro, com o leste alagoano desfavorável e as outras regiões favoráveis.

Figura 1 - Mapeamento da cana-de-açúcar



Fonte: Conab

Figura 2 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em maio de 2014

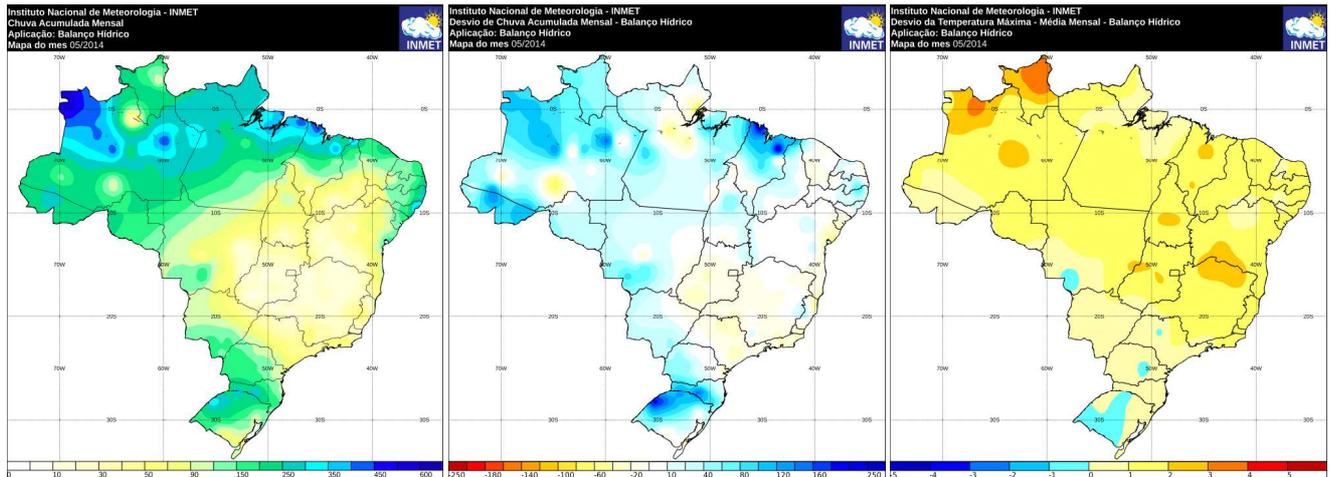


Figura 3 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em junho de 2014

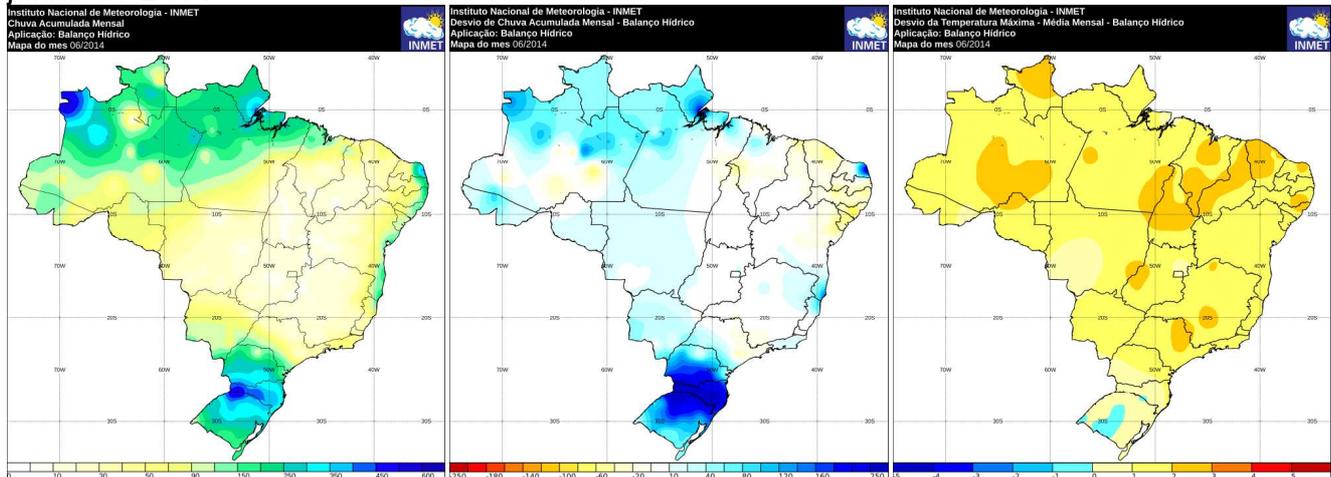


Figura 4 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em julho de 2014

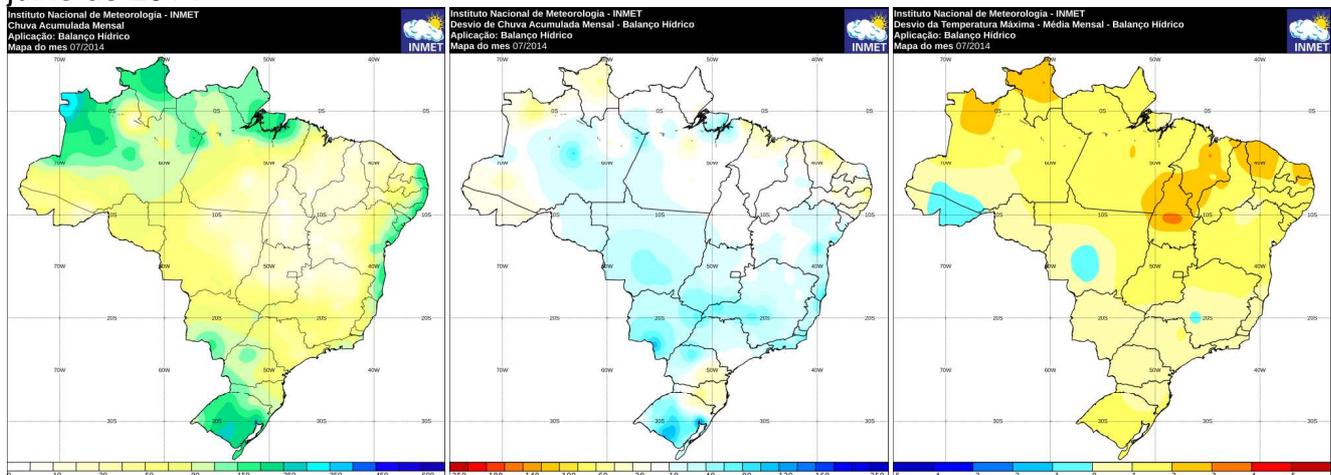


Figura 5 - Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em agosto de 2014

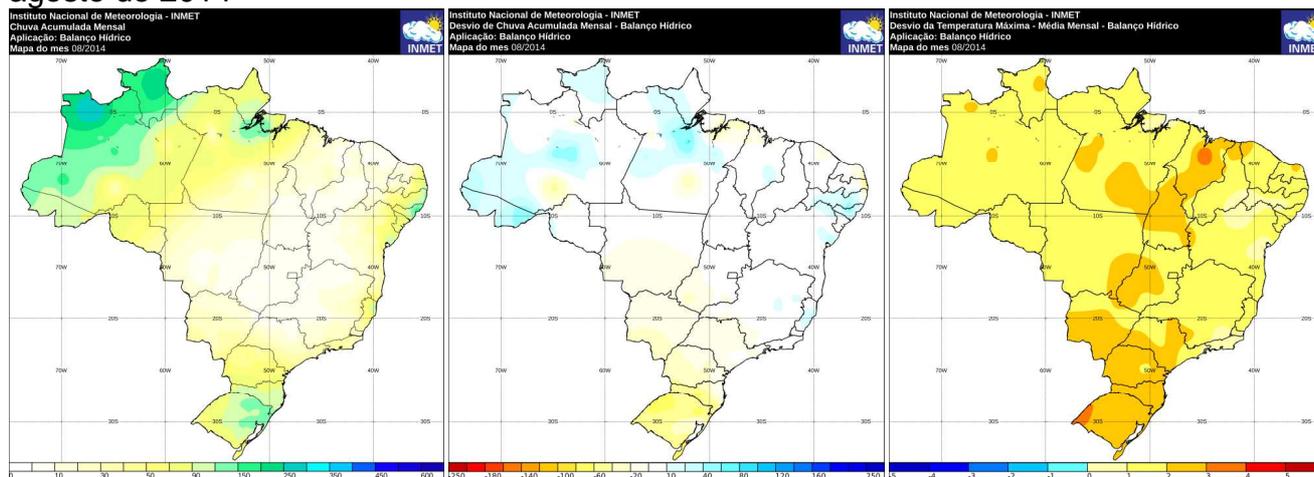


Figura 6 - Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em setembro de 2014

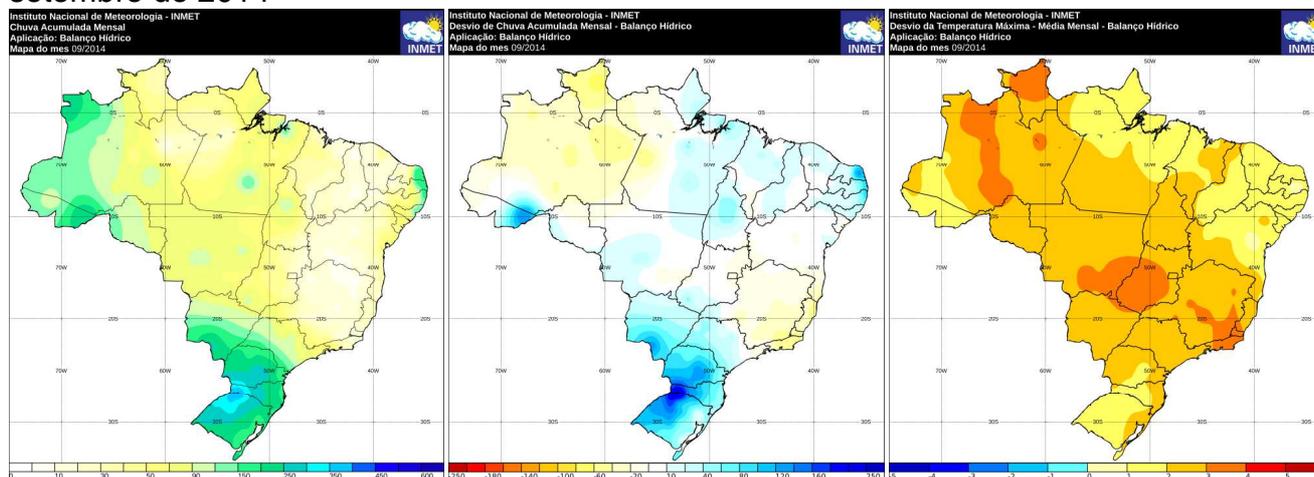


Figura 7 - Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em outubro de 2014

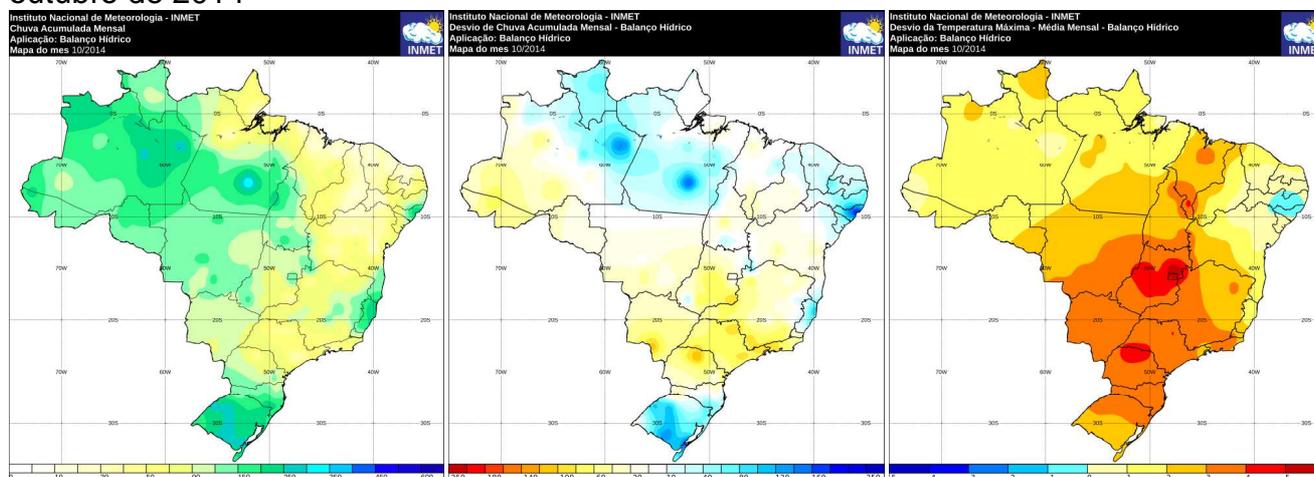


Figura 8 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em novembro de 2014

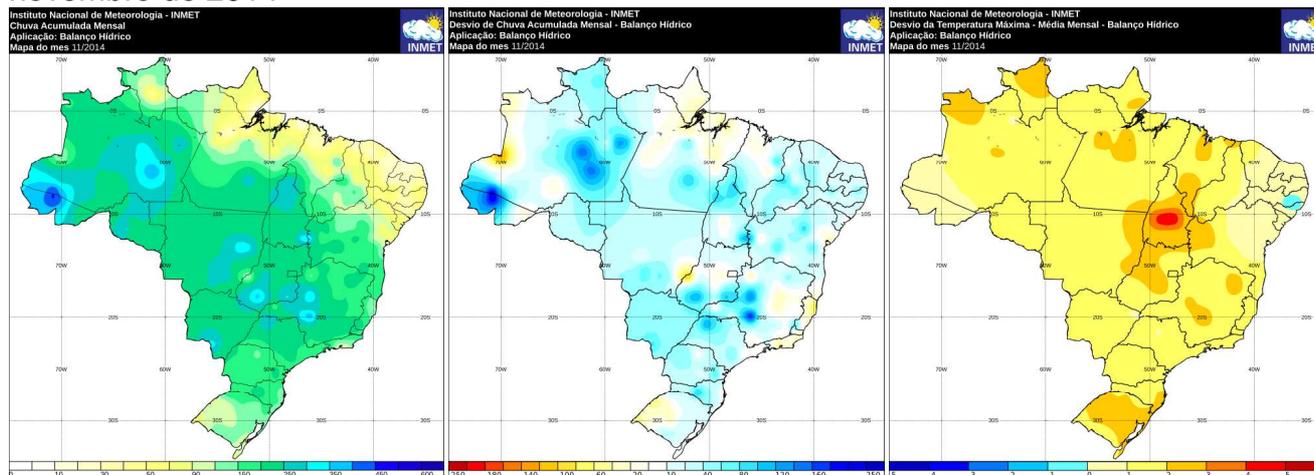


Figura 9 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em dezembro de 2014

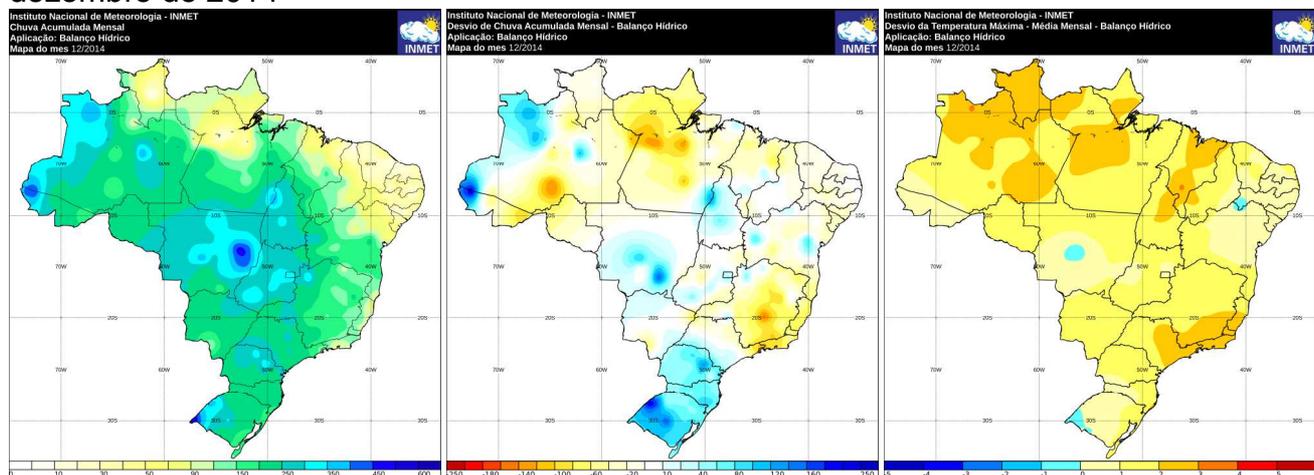


Figura 10 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em janeiro de 2015

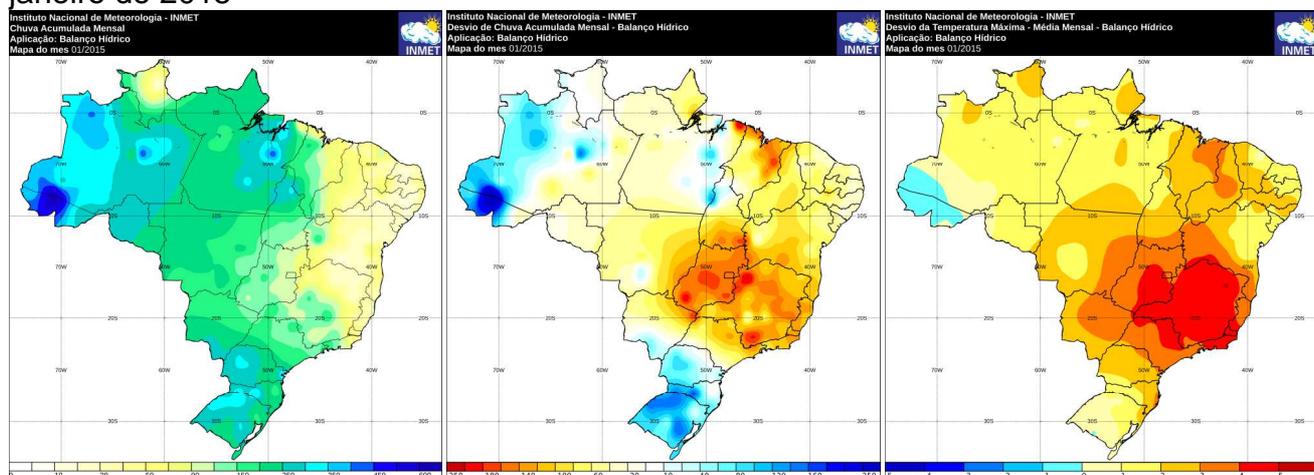


Figura 11 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em fevereiro de 2015

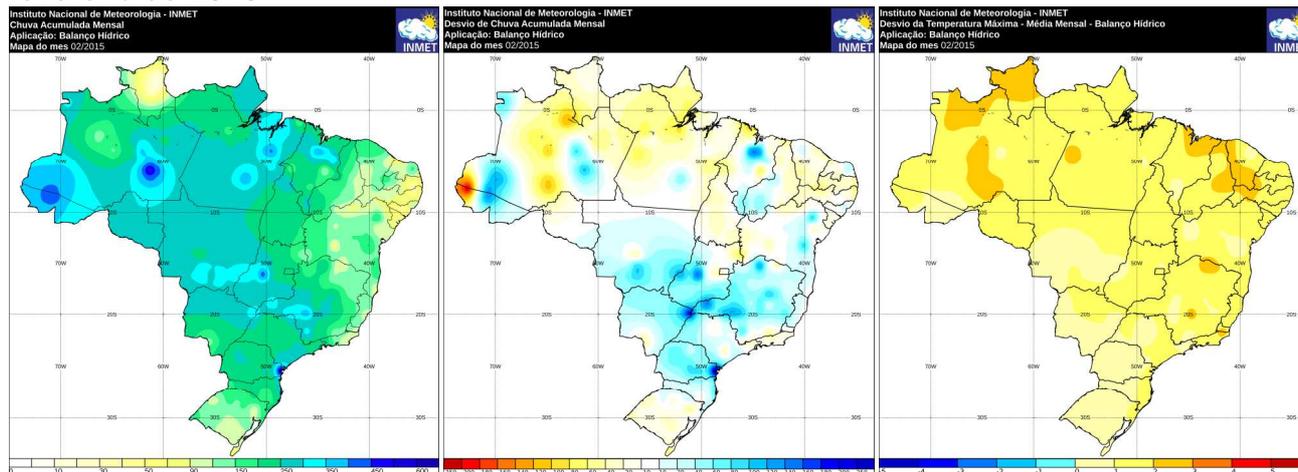
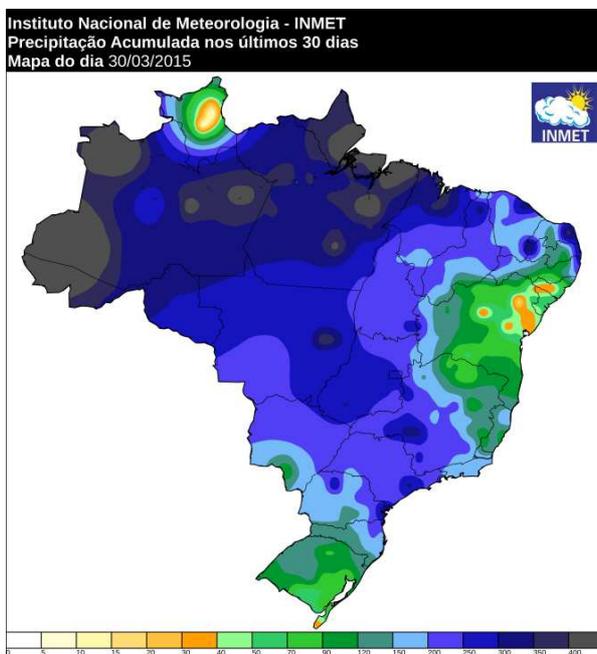


Figura 12 – Precipitação total e anomalia de precipitação e de temperatura máxima em março de 2015



#### 4. Previsão para abril-maio-junho de 2015<sup>2</sup>

A previsão por consenso para o trimestre de abril a junho de 2015 indicou maior probabilidade dos totais pluviométricos sazonais ocorrerem na categoria abaixo da faixa normal climatológica do norte do Amazonas até o Amapá, com distribuição de probabilidade de 25%, 35% e 40% para as categorias acima, dentro e abaixo da faixa normal climatológica, respectivamente. Já para o norte da Região Nordeste, a maior probabilidade é de chuvas na categoria dentro da faixa normal climatológica, com a segunda classe mais provável abaixo da faixa normal, a saber: 25%, 45% e 30% para as categorias acima, dentro e abaixo da faixa normal climatológica, respectivamente. Para o leste da Região Nordeste, cujo período mais chuvoso tem início climatológico em abril, a previsão por consenso também indicou maior probabilidade na categoria dentro da faixa normal climatológica, porém, com a segunda categoria mais provável acima da normal climatológica, a saber: 30%, 45% e 25% para as categorias acima, dentro e abaixo da faixa normal climatológica, respectivamente. Na Região Sudeste espera-se a diminuição gradativa das chuvas, dando início ao período de transição para a estação seca.

Figura 13 - Previsão probabilística (em tercis) de consenso do total de chuva para o trimestre de abril a junho de 2015



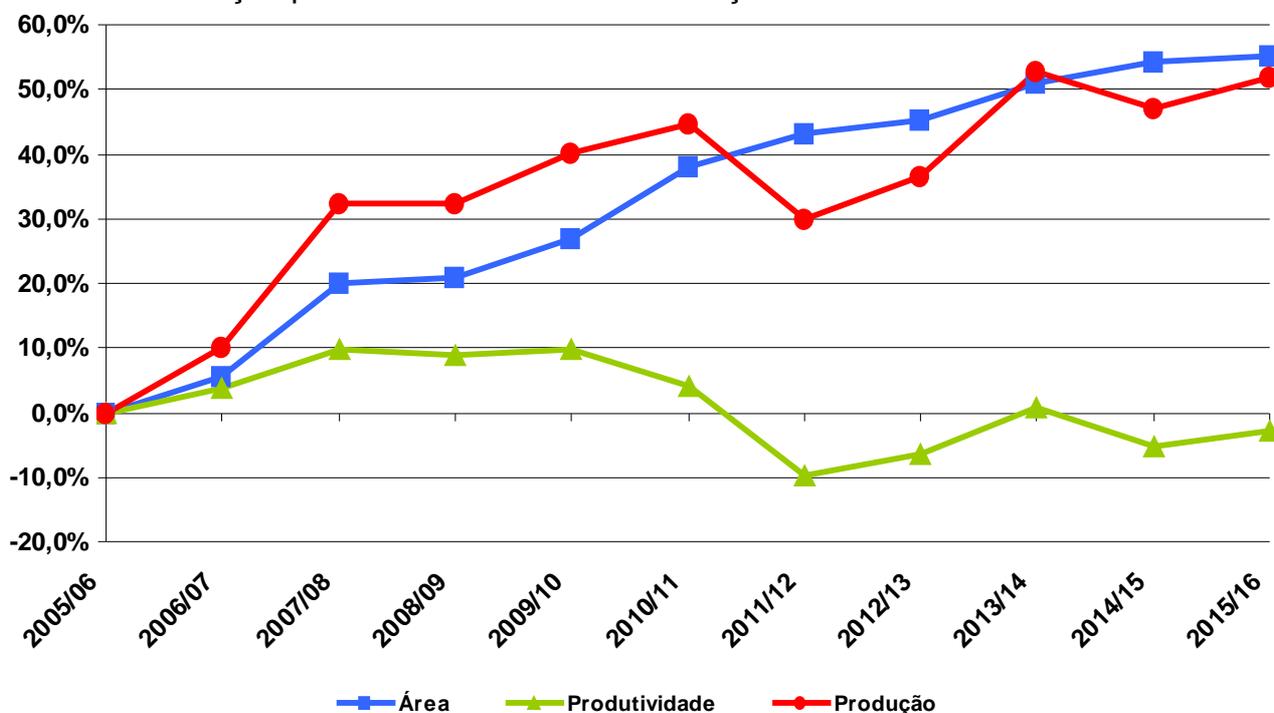
<sup>2</sup> Previsão por consenso elaborada pelo Grupo de Trabalho em Previsão Climática Sazonal do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (GTPCS/MCTI), com contribuições de meteorologistas do Inmet, Funceme e Centros Estaduais de Meteorologia.

Na Região Sul a previsão é de maior probabilidade das chuvas situarem-se dentro da faixa normal climatológica, com os seguintes valores de distribuição de probabilidades: 35%, 40% e 25% para as categorias acima, dentro e abaixo da faixa normal climatológica, respectivamente. É importante mencionar que esta previsão por consenso também indicou grande irregularidade na distribuição temporal e espacial das chuvas no decorrer do referido trimestre, em particular para a Região Nordeste. A previsão por consenso indicou temperaturas em torno dos valores normais na maior parte do país. No decorrer dos meses de outono ocorre o início climatológico de incursões de massas de ar frio que podem causar acentuado declínio das temperaturas e ocorrência de geada nas regiões serranas, especialmente no centro-sul do Brasil.

## 5. Situação geral da lavoura

O Brasil deverá produzir 654,6 milhões de toneladas de cana-de-açúcar nesta safra em pouco mais de 9 milhões de hectares. A estimativa é de que a produção do país tenha um incremento de 3,1% em relação à safra passada e só não é maior porque o aumento na área plantada no país é relativamente pequeno (0,7%) e a produtividade nos canaviais de São Paulo, maior estado produtor, se recuperam de um impacto hídrico da safra passada (Gráfico 2).

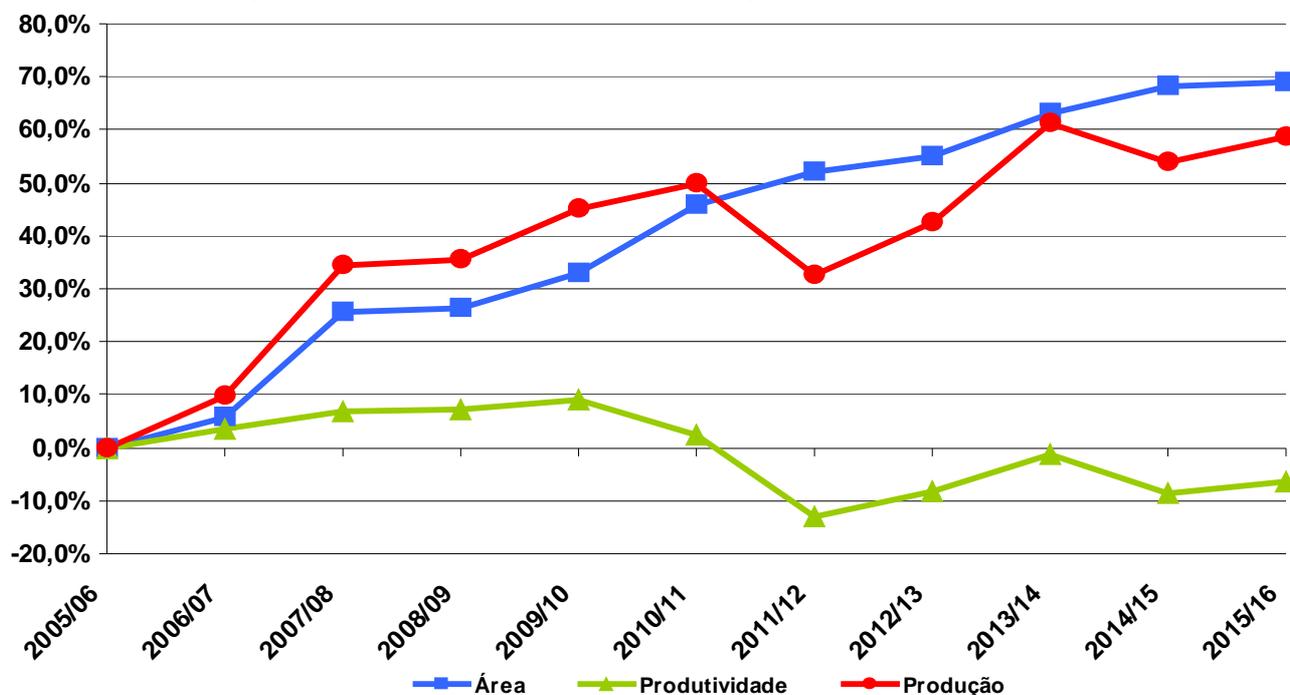
Gráfico 2 – Variação percentual acumulada em relação à safra anterior – Brasil



Legenda: (1) Estimativa em abril/2015.  
Fonte: Conab.

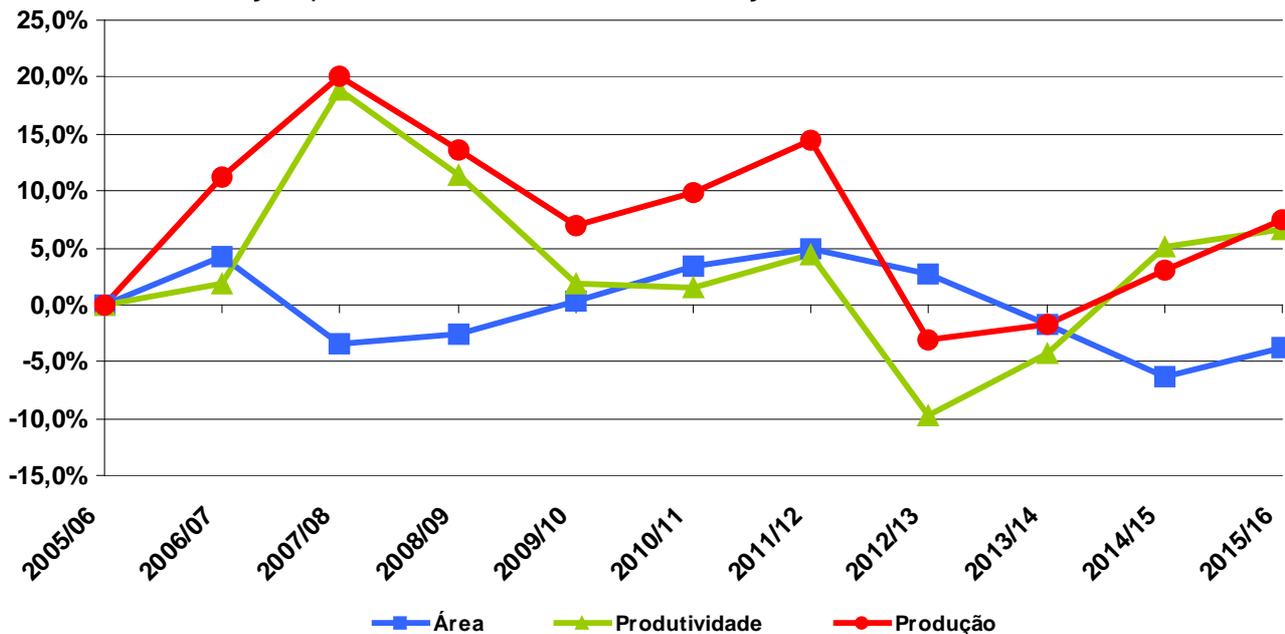
Nesta safra, essa tendência é uma característica basicamente das duas grandes regiões do país, a Região Centro-Sul (Gráfico 3) e a Região Norte-Nordeste. Na Região Centro-Sul a recuperação da produtividade (aumento de 2,5%) reflete numa expectativa de aumento de produção (3%), só não é mais acentuado porque haverá basicamente a manutenção da área plantada (aumento de 0,5%).

Gráfico 3 – Variação percentual acumulada em relação à safra anterior – Centro-Sul



Legenda: (¹) Estimativa em abril/2015.  
Fonte: Conab.

Gráfico 4 – Variação percentual acumulada em relação à safra anterior – Norte/Nordeste



Legenda: (¹) Estimativa em abril/2015.  
Fonte: Conab.

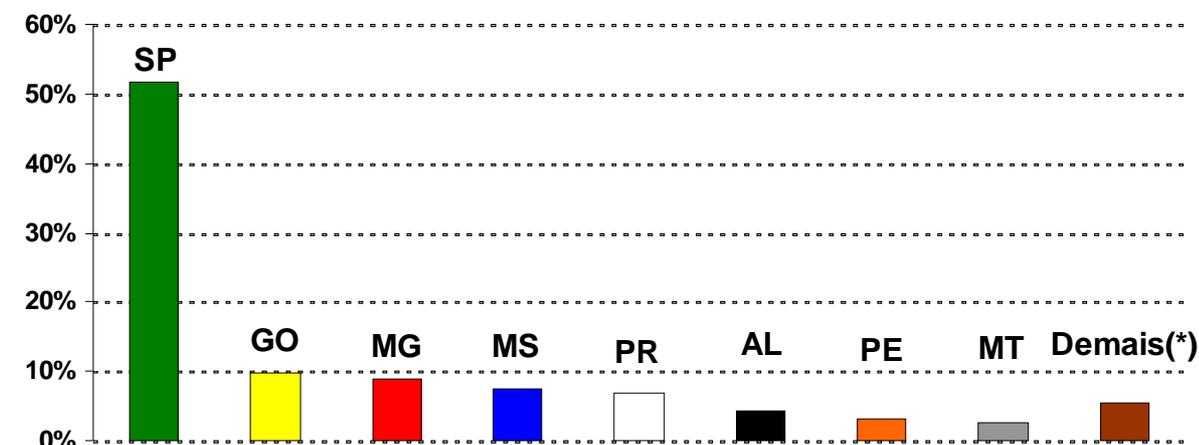
Na Região Norte/Nordeste a situação da safra de cana-de-açúcar é diferente da Centro-Sul. Nessa região a cultura da cana-de-açúcar na safra 2014/15 se recuperou de uma forte seca em duas safras (2012/13 e 2013/14) e em função do prognóstico de bom regime climático, deve ter um acréscimo na produtividade da atual safra de 1,6%, além de um aumento na área plantada (2,7%), o que reflete num aumento de produção de 4,3% em relação à safra 2014/15 (Gráfico 4).

### 5.1. Área

A área cultivada com cana-de-açúcar que deverá ser colhida e destinada à atividade sucroalcooleira na safra 2015/16 é de 9.070,4 mil hectares, distribuídas em todos estados produtores. São Paulo permanece como o maior produtor com 51,7% (4.687,6 mil hectares) da área plantada, seguido por Goiás com 9,8% (891,6 mil hectares), Minas Gerais com 8,9% (808 mil hectares), Mato Grosso do Sul com 7,5% (682,3 mil hectares), Paraná com 6,8% (620,1 mil hectares), Alagoas com 4,3% (386 mil hectares) e Pernambuco com 3% (276,3 mil hectares). Estes sete estados são responsáveis por 92,1% da produção nacional. Os outros dezesseis estados produtores possuem áreas menores, com representações abaixo de 2,5%, totalizando 8% da área total do país.

O Brasil deve ter um acréscimo na área de apenas 65,9 mil hectares na temporada 2015/16, equivalendo a 0,7% em relação à safra 2014/15. O acréscimo é reflexo do aumento de 0,5% (38,1 mil hectares) na área da Região Centro-Sul e de 2,7% (27,8 mil hectares) na área da Região Norte/Nordeste. Rio Grande do Norte, Paraíba, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul deverão ter decréscimo na área plantada.

Gráfico 5 - Percentual de área total de cana-de-açúcar por Unidade da Federação

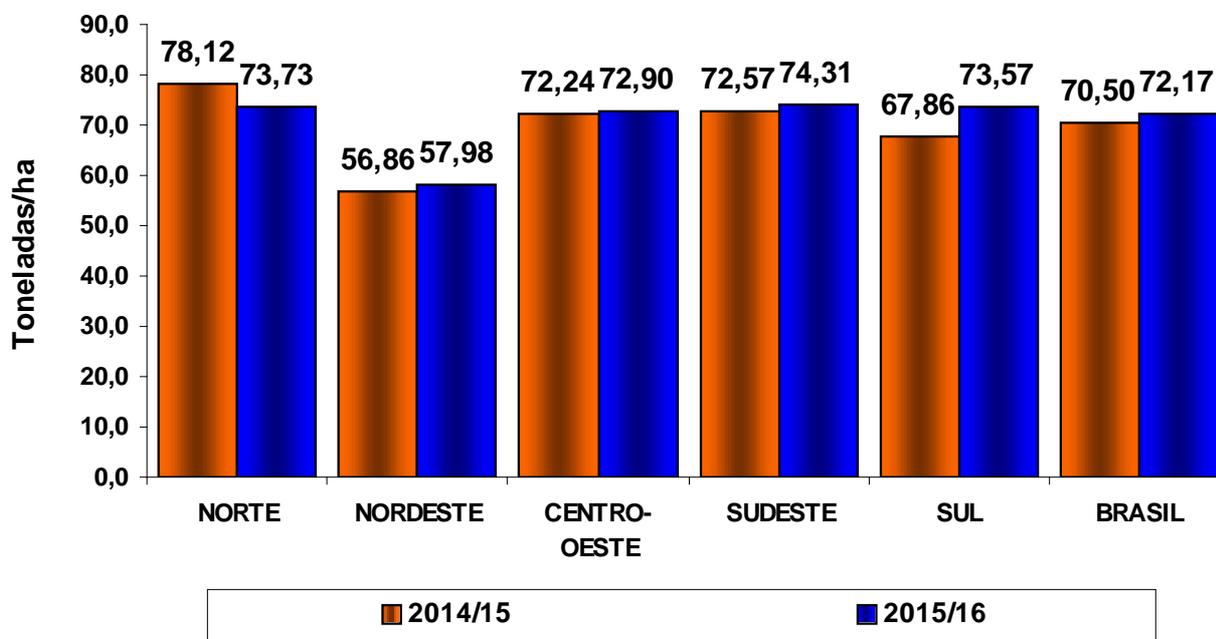


Fonte Conab.

## 5.2. Produtividade

A produtividade estimada para a atual temporada da safra 2015/16 deve ter um aumento de 2,4%, passando de 70.495 kg/ha para 72.170 kg/ha.

Gráfico 6 – Comparativo de produtividade de cana-de-açúcar por região

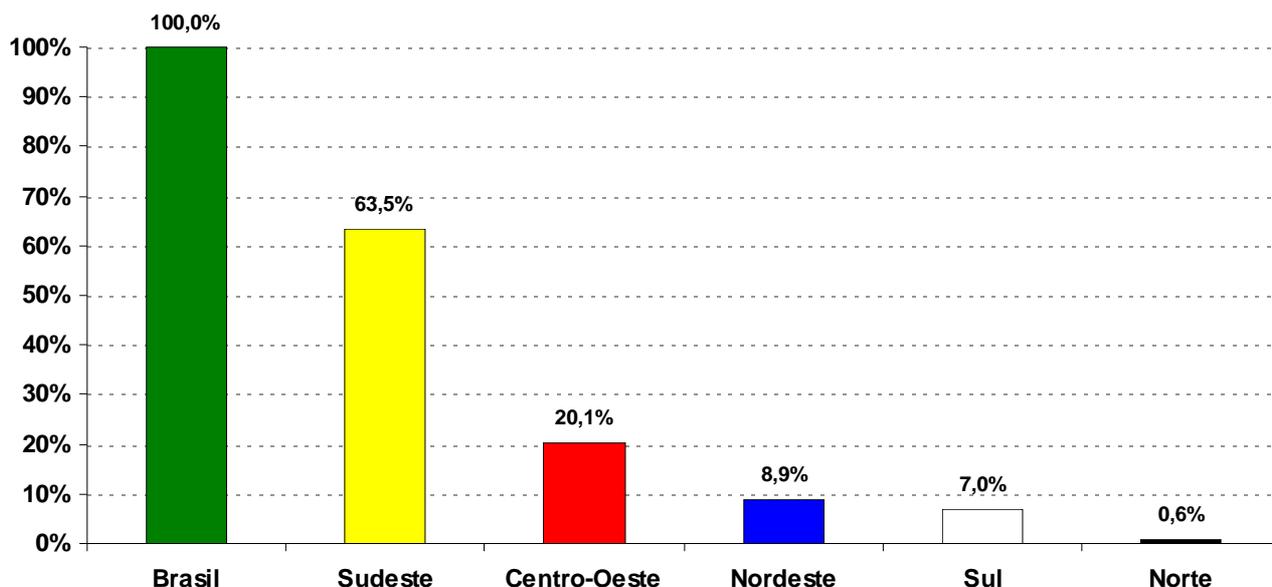


Fonte: Conab.

## 5.3. Produção de cana-de-açúcar

A produção total de cana-de-açúcar destinada à indústria, estimada para a safra 2015/16 é de 654,6 milhões de toneladas, com acréscimo de 3,1% (19,8 milhões de toneladas) em relação à safra 2014/15, que foi de 634,8 milhões de toneladas. A produção de cana-de-açúcar da Região Centro-Sul está estimada em 592,7 milhões de toneladas, 3% maior que a produção da safra anterior. A Região Norte/Nordeste deverá ter um aumento de 4,3%, passando de 59,4 milhões de toneladas na safra 2014/15, para 61,9 milhões na safra 2015/16.

Gráfico 7 – Produção de cana-de-açúcar por região



Fonte Conab.

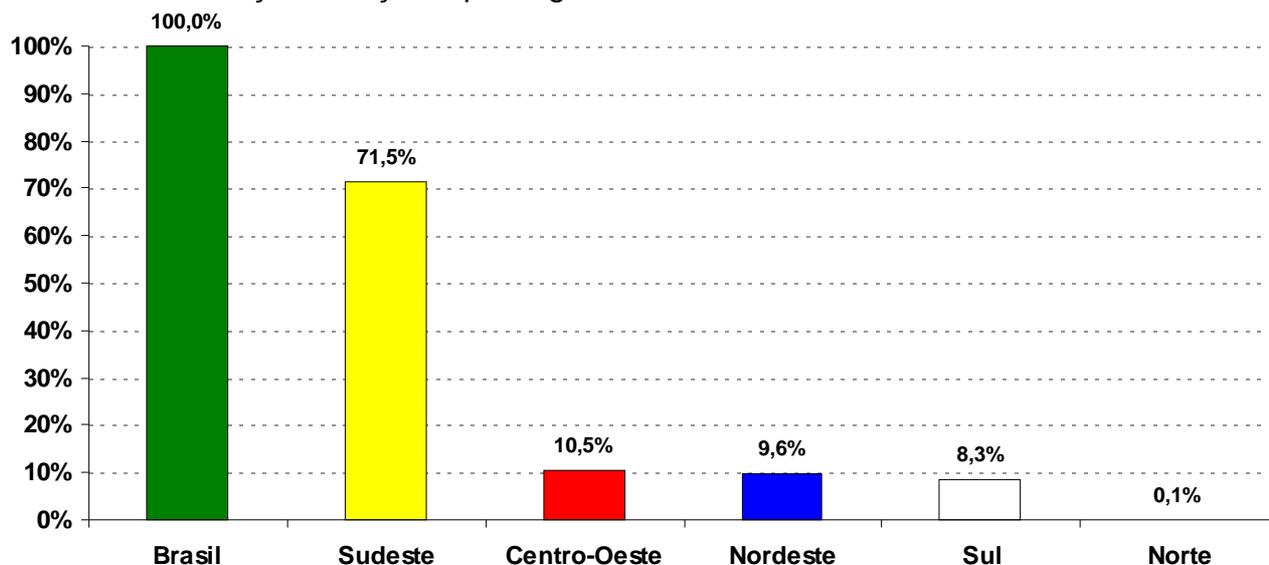
### 5.3.1. Produção de açúcar

Na safra 2014/15 a produção de açúcar chegou a 35,56 milhões de toneladas. Para a safra 2015/16 a expectativa é de aumento de 5%, chegando a 37,35 milhões de toneladas. Cerca de 71,5% do açúcar no país foi produzido na Região Sudeste, 10,5% na Região Centro-Oeste, 9,6% na Região Nordeste, 8,3% na Região Sul e 0,1% na Região Norte (Tabela 5).

O percentual de açúcar total recuperável (ATR) destinado à produção de açúcar nesta safra para o país está estimado em 43,8% do total (Tabela 3).

A distribuição do *mix* indica que Amazonas, Alagoas e Pernambuco deverão destinar a maior parte da sua produção de cana-de-açúcar e, conseqüentemente do seu ATR produzido, para a produção de açúcar (Tabela 3). São Paulo, Paraná e Piauí devem dividir proporcionalmente o seu ATR para a produção de açúcar e etanol. Os demais deverão destinar a maior parte da cana-de-açúcar para a produção de etanol. O percentual de açúcar total recuperável (ATR) médio para a safra atual está estimado 136,8 kg/t de cana-de-açúcar (Tabela 3).

Gráfico 8 – Produção de açúcar por região

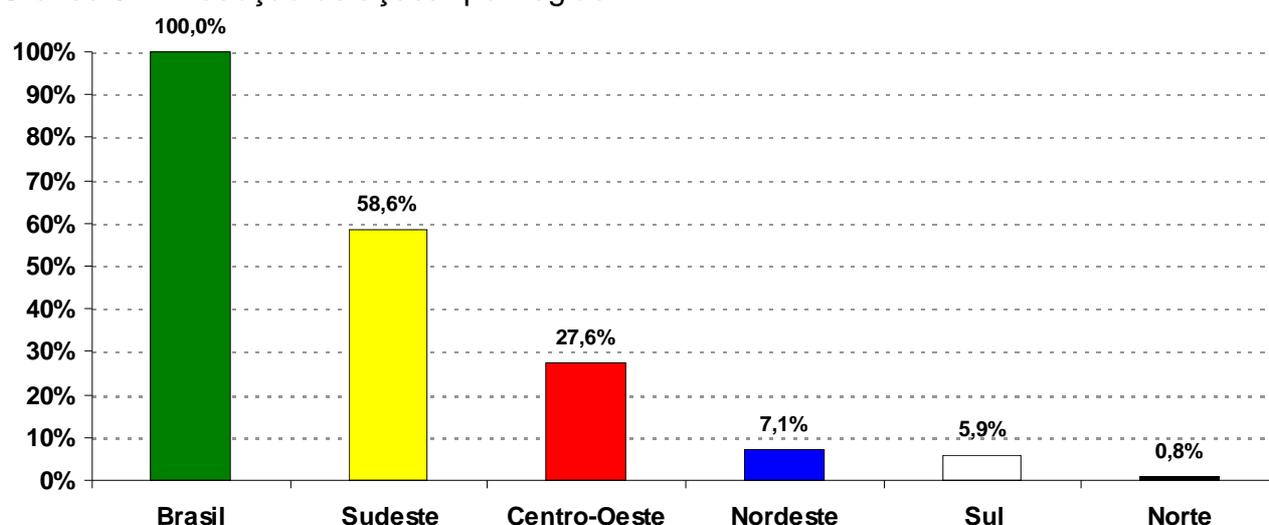


Fonte Conab.

### 5.3.2. Produção de etanol

A produção de etanol total consolidou-se em 28,66 bilhões de litros na safra 2014/15 e está estimada em 29,2 bilhões de litros para safra 2015/16, um incremento de 539,2 milhões de litros, alta de 1,9%. O etanol anidro, utilizado na mistura com a gasolina, deve ter um aumento de 1 bilhão de litros, passando de 11,73 para 12,73 bilhões de litros. Para o etanol hidratado, utilizado nos veículos *flex fuel*, a expectativa é de redução de 2,8%, quando comparados com a produção da safra anterior, o que equivale a menos 467,4 milhões de litros.

Gráfico 9 – Produção de açúcar por região

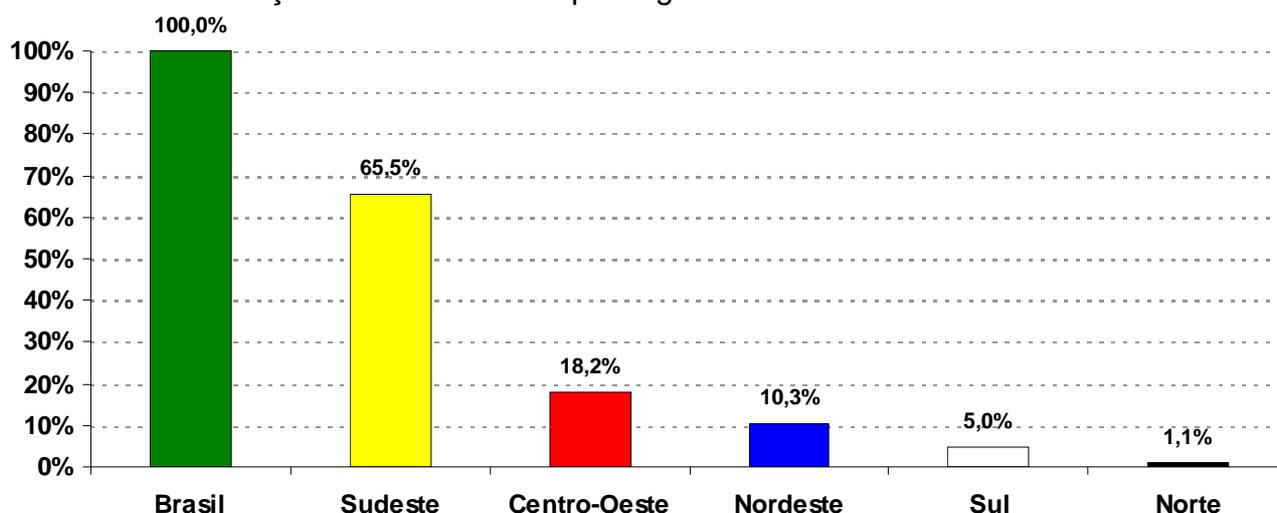


Fonte Conab.

Rondônia, Tocantins, Ceará e Rio Grande do Sul devem destinar seu ATR total à produção de álcool. Destes, Rondônia, Ceará e Rio Grande do Sul produzem apenas etanol hidratado.

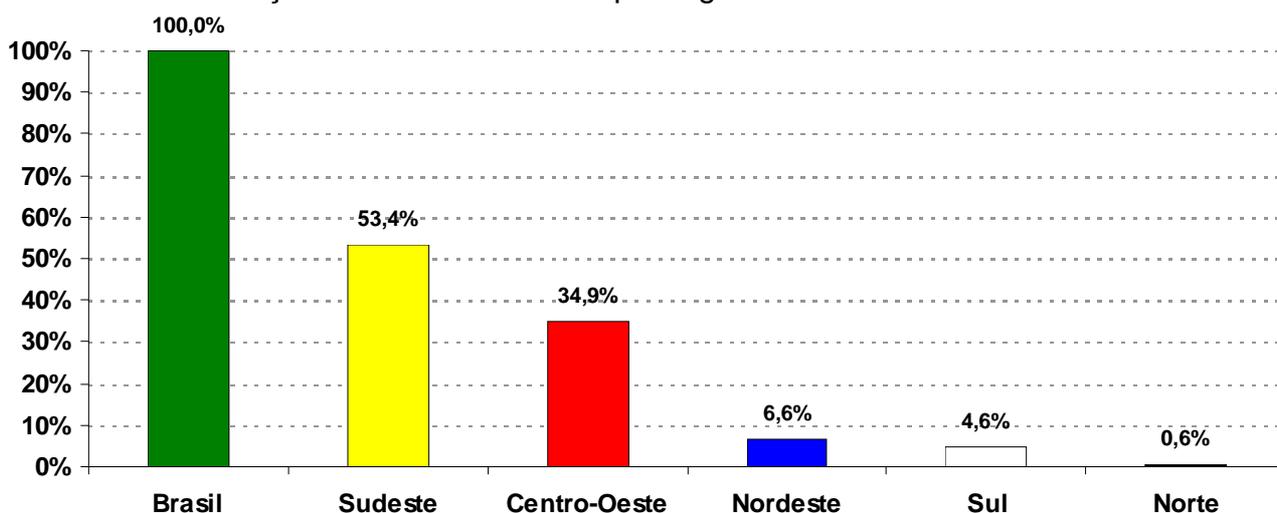
Nesta safra, 56,2% da produção de ATR deverá ser destinado à produção de etanol (Tabela 3). A produção de etanol continua concentrada na Região Sudeste, com 58,6% do total produzido no país, seguido pelo Centro-Oeste (27,6%), Nordeste (7,1%), Sul (5,9%) e Norte (0,8%) (Gráfico 8).

Gráfico 10 – Produção de etanol anidro por região



Fonte Conab.

Gráfico 11 – Produção de etanol hidratado por região



Fonte Conab.

## 6. Resultado detalhado

Os resultados obtidos no quarto levantamento da safra 2014/15 são apresentados em detalhes nas tabelas a seguir.

Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014/15	Safra 2015/16	VAR. %	Safra 2014/15	Safra 2015/16	VAR. %	Safra 2014/15	Safra 2015/16	VAR. %
<b>NORTE</b>	<b>47,6</b>	<b>51,2</b>	<b>7,6</b>	<b>78.117</b>	<b>73.733</b>	<b>(5,6)</b>	<b>3.717,60</b>	<b>3.774,40</b>	<b>1,5</b>
RO	4,4	5,3	21,7	84.850	74.500	(12,2)	371,6	397,1	6,9
AM	3,3	3,5	5,0	56.200	74.500	32,6	187,1	260,0	39,0
PA	12,0	12,1	1,0	67.431	68.500	1,6	810,5	831,6	2,6
TO	27,9	30,2	8,5	84.293	75.611	(10,3)	2.348,4	2.285,7	(2,7)
<b>NORDESTE</b>	<b>979,0</b>	<b>1.003,2</b>	<b>2,5</b>	<b>56.857</b>	<b>57.976</b>	<b>2,0</b>	<b>55.662,8</b>	<b>58.161,9</b>	<b>4,5</b>
MA	38,8	40,4	4,2	60.592	67.427	11,3	2.347,9	2.722,7	16,0
PI	13,9	15,2	9,5	68.430	68.061	(0,5)	949,1	1.033,8	8,9
CE	1,8	1,8	1,0	72.473	76.312	5,3	130,5	138,9	6,4
RN	56,0	53,1	(5,2)	48.040	54.284	13,0	2.688,8	2.880,3	7,1
PB	130,6	130,4	(0,2)	48.292	50.500	4,6	6.307,9	6.586,2	4,4
PE	260,1	276,3	6,2	56.628	55.228	(2,5)	14.730,6	15.260,0	3,6
AL	385,3	386,0	0,2	58.201	58.772	1,0	22.422,5	22.687,8	1,2
SE	44,4	45,1	1,5	53.498	55.000	2,8	2.376,4	2.480,0	4,4
BA	48,2	54,9	14,0	77.000	79.625	3,4	3.709,1	4.372,2	17,9
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1.748,5</b>	<b>1.801,5</b>	<b>3,0</b>	<b>72.242</b>	<b>72.895</b>	<b>0,9</b>	<b>126.311,1</b>	<b>131.318,2</b>	<b>4,0</b>
MT	226,0	227,6	0,7	75.284	75.980	0,9	17.011,9	17.289,2	1,6
MS	668,3	682,3	2,1	64.300	66.500	3,4	42.969,8	45.374,9	5,6
GO	854,2	891,6	4,4	77.650	77.001	(0,8)	66.329,4	68.654,1	3,5
<b>SUDESTE</b>	<b>5.593,1</b>	<b>5.593,2</b>	<b>-</b>	<b>72.571</b>	<b>74.314</b>	<b>2,4</b>	<b>405.896,5</b>	<b>415.652,0</b>	<b>2,4</b>
MG	805,5	808,0	0,3	73.900	75.000	1,5	59.528,7	60.596,3	1,8
ES	68,9	64,8	(5,9)	46.350	42.768	(7,7)	3.191,7	2.771,8	(13,2)
RJ	33,0	32,8	(0,5)	48.073	50.000	4,0	1.586,4	1.642,0	3,5
SP	4.685,7	4.687,6	0,0	72.900	74.802	2,6	341.589,7	350.641,9	2,7
<b>SUL</b>	<b>636,3</b>	<b>621,3</b>	<b>(2,4)</b>	<b>67.856</b>	<b>73.567</b>	<b>8,4</b>	<b>43.179,0</b>	<b>45.706,9</b>	<b>5,9</b>
PR	635,0	620,1	(2,4)	67.885	73.594	8,4	43.105,6	45.632,7	5,9
RS	1,4	1,2	(8,2)	54.376	59.800	10,0	73,4	74,2	1,1
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.026,6</b>	<b>1.054,4</b>	<b>2,7</b>	<b>57.843</b>	<b>58.741</b>	<b>1,6</b>	<b>59.380,4</b>	<b>61.936,3</b>	<b>4,3</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>7.977,9</b>	<b>8.016,0</b>	<b>0,5</b>	<b>72.123</b>	<b>73.937</b>	<b>2,5</b>	<b>575.386,6</b>	<b>592.677,1</b>	<b>3,0</b>
<b>BRASIL</b>	<b>9.004,5</b>	<b>9.070,4</b>	<b>0,7</b>	<b>70.495</b>	<b>72.170</b>	<b>2,4</b>	<b>634.767,0</b>	<b>654.613,4</b>	<b>3,1</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2015.

Tabela 3 – Açúcar total recuperável (ATR)

REGIÃO/UF	INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA - ATR TOTAL					
	ATR MÉDIO (kg/t)	ATR TOTAL (toneladas)	ATR PARA AÇÚCAR (%)	ATR PARA ETANOL (%)	ATR PARA ETANOL ANIDRO (%)	ATR PARA ETANOL HIDRATADO (%)
<b>NORTE</b>	<b>121,7</b>	<b>459.488</b>	<b>12,0</b>	<b>88,0</b>	<b>49,7</b>	<b>38,3</b>
RO	57,3	22.766	-	100,0	-	100,0
AM	95,8	24.897	59,8	40,2	-	40,2
PA	137,4	114.295	35,6	64,4	52,6	11,8
TO	130,2	297.530	-	100,0	63,0	37,0
<b>NORDESTE</b>	<b>126,7</b>	<b>7.368.472</b>	<b>51,8</b>	<b>48,2</b>	<b>30,9</b>	<b>17,3</b>
MA	138,0	375.733	3,0	97,0	87,0	10,0
PI	129,0	133.403	52,5	47,5	46,1	1,4
CE	118,4	16.440	-	100,0	-	100,0
RN	130,9	377.031	35,0	65,0	46,5	18,5
PB	131,7	867.295	18,6	81,4	45,0	36,4
PE	117,7	1.796.144	65,8	34,2	19,8	14,4
AL	127,0	2.881.862	68,4	31,6	22,1	9,5
SE	132,2	327.757	39,1	60,9	15,2	45,8
BA	135,6	592.808	17,2	82,8	55,0	27,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>136,3</b>	<b>17.896.917</b>	<b>23,0</b>	<b>77,0</b>	<b>22,7</b>	<b>54,3</b>
MT	141,7	2.449.943	17,6	82,4	37,1	45,3
MS	129,3	5.865.335	25,3	74,7	19,8	55,0
GO	139,6	9.581.638	22,8	77,2	21,0	56,2
<b>SUDESTE</b>	<b>138,6</b>	<b>57.612.035</b>	<b>48,6</b>	<b>51,4</b>	<b>25,6</b>	<b>25,8</b>
MG	138,7	8.404.101	37,0	63,0	27,9	35,1
ES	123,2	341.402	20,5	79,5	59,8	19,7
RJ	119,9	196.831	20,7	79,3	-	79,3
SP	138,8	48.669.701	51,0	49,0	25,0	24,0
<b>SUL</b>	<b>135,4</b>	<b>6.190.454</b>	<b>52,4</b>	<b>47,6</b>	<b>18,0</b>	<b>29,6</b>
PR	135,5	6.182.934	52,5	47,5	18,0	29,5
RS	101,4	7.520	-	100,0	-	100,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>126,4</b>	<b>7.827.960</b>	<b>49,4</b>	<b>50,6</b>	<b>32,0</b>	<b>18,6</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>137,8</b>	<b>81.699.406</b>	<b>43,2</b>	<b>56,8</b>	<b>24,3</b>	<b>32,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>136,8</b>	<b>89.527.366</b>	<b>43,8</b>	<b>56,2</b>	<b>25,1</b>	<b>31,1</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2015.

Tabela 4 – Produção da indústria sucroalcooleira – Açúcar e etanol (total, anidro e hidratado)

REGIÃO/UF	INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA			
	AÇÚCAR (1.000 t)	ETANOL TOTAL (Em 1.000 l)	ETANOL ANIDRO (Em 1.000 l)	ETANOL HIDRATADO (Em 1.000 l)
<b>NORTE</b>	<b>53,0</b>	<b>232.671,7</b>	<b>140.254,3</b>	<b>92.417,4</b>
RO	-	13.460,5	0,0	13.460,5
AM	14,2	5.913,4	0,0	5.913,4
PA	38,8	42.013,9	34.060,0	7.954,0
TO	-	171.283,9	106.194,3	65.089,5
<b>NORDESTE</b>	<b>3.580,6</b>	<b>2.077.467,9</b>	<b>1.315.210,7</b>	<b>762.257,1</b>
MA	10,7	207.410,4	185.194,8	22.215,6
PI	66,8	35.930,7	34.826,5	1.104,3
CE	-	9.720,2	0,0	9.720,2
RN	125,7	140.566,5	99.325,6	41.240,9
PB	154,0	407.572,5	220.914,2	186.658,3
PE	1.126,3	354.298,3	201.584,1	152.714,2
AL	1.877,7	523.053,3	360.498,1	162.555,2
SE	122,0	116.828,4	28.150,2	88.678,2
BA	97,3	282.087,5	184.717,3	97.370,2
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>3.907,5</b>	<b>8.056.153,4</b>	<b>2.312.660,0</b>	<b>5.743.493,5</b>
MT	411,8	1.170.573,5	514.667,1	655.906,3
MS	1.412,3	2.562.929,2	656.946,8	1.905.982,4
GO	2.083,4	4.322.650,8	1.141.046,1	3.181.604,8
<b>SUDESTE</b>	<b>26.718,3</b>	<b>17.120.534,2</b>	<b>8.336.019,9</b>	<b>8.784.514,3</b>
MG	2.962,1	3.073.076,4	1.326.963,3	1.746.113,1
ES	66,7	155.427,2	115.721,9	39.705,4
RJ	38,7	92.335,0	0,0	92.335,0
SP	23.650,8	13.799.695,6	6.893.334,7	6.906.360,9
<b>SUL</b>	<b>3.094,7</b>	<b>1.712.308,2</b>	<b>630.518,5</b>	<b>1.081.789,7</b>
PR	3.094,7	1.707.861,7	630.518,5	1.077.343,3
RS	-	4.446,5	0,0	4.446,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3.633,5</b>	<b>2.310.139,5</b>	<b>1.455.465,0</b>	<b>854.674,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>33.720,5</b>	<b>26.888.995,8</b>	<b>11.279.198,3</b>	<b>15.609.797,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>37.354,0</b>	<b>29.199.135,4</b>	<b>12.734.663,4</b>	<b>16.464.472,0</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2015.

Tabela 5 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao açúcar e produção de açúcar

REGIÃO/UF	CANA-DE-AÇÚCAR DESTINADA AO AÇÚCAR (Em 1000 t)			AÇÚCAR (Em 1000 t)			
	Safr a 2014/15	Safr a 2015/16	VAR. %	Safr a 2014/15	Safr a 2015/16	Variação	
						Absoluta	%
<b>NORTE</b>	<b>418,8</b>	<b>451,9</b>	<b>7,9</b>	<b>48,5</b>	<b>53,0</b>	<b>4,5</b>	<b>9,2</b>
AM	130,0	155,6	19,6	10,7	14,2	3,5	32,4
PA	288,8	296,3	2,6	37,8	38,8	1,0	2,6
<b>NORDESTE</b>	<b>29.741,3</b>	<b>30.139,0</b>	<b>1,3</b>	<b>3.514,0</b>	<b>3.580,6</b>	<b>66,6</b>	<b>1,9</b>
MA	60,8	81,7	34,3	8,0	10,7	2,7	34,3
PI	504,8	543,0	7,6	62,1	66,8	4,7	7,6
RN	1.393,6	1.008,1	(27,7)	152,6	125,7	(26,9)	(17,6)
PB	1.175,8	1.227,7	4,4	147,5	154,0	6,5	4,4
PE	9.694,2	10.042,6	3,6	1.087,2	1.126,3	39,1	3,6
AL	15.332,5	15.513,9	1,2	1.855,7	1.877,7	22,0	1,2
SE	940,8	969,2	3,0	118,3	122,0	3,8	3,2
BA	638,7	752,9	17,9	82,5	97,3	14,8	17,9
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>28.995,7</b>	<b>30.182,9</b>	<b>4,1</b>	<b>3.755,4</b>	<b>3.907,5</b>	<b>152,0</b>	<b>4,0</b>
MT	3.000,9	3.049,8	1,6	405,2	411,8	6,6	1,6
MS	10.858,5	11.466,2	5,6	1.337,4	1.412,3	74,9	5,6
GO	15.136,4	15.666,9	3,5	2.012,9	2.083,4	70,5	3,5
<b>SUDESTE</b>	<b>191.967,1</b>	<b>202.149,4</b>	<b>5,3</b>	<b>25.318,9</b>	<b>26.718,3</b>	<b>1.399,4</b>	<b>5,5</b>
MG	24.996,1	22.414,6	(10,3)	3.255,5	2.962,1	(293,5)	(9,0)
ES	903,9	568,2	(37,1)	106,1	66,7	(39,4)	(37,1)
RJ	327,8	339,2	3,5	37,4	38,7	1,3	3,5
SP	165.739,3	178.827,4	7,9	21.919,9	23.650,8	1.731,0	7,9
<b>SUL</b>	<b>22.643,4</b>	<b>23.970,9</b>	<b>5,9</b>	<b>2.923,3</b>	<b>3.094,7</b>	<b>171,4</b>	<b>5,9</b>
PR	22.643,4	23.970,9	5,9	2.923,3	3.094,7	171,4	5,9
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>30.160,1</b>	<b>30.590,9</b>	<b>1,4</b>	<b>3.562,5</b>	<b>3.633,5</b>	<b>71,0</b>	<b>2,0</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>243.606,2</b>	<b>256.303,2</b>	<b>5,2</b>	<b>31.997,7</b>	<b>33.720,5</b>	<b>1.722,8</b>	<b>5,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>273.766,3</b>	<b>286.894,0</b>	<b>4,8</b>	<b>35.560,2</b>	<b>37.354,0</b>	<b>1.793,8</b>	<b>5,0</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2015.

Tabela 6 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol total e produção de etanol total

REGIÃO/UF	CANHA-DE-AÇÚCAR DESTINADA AO ETANOL TOTAL (Em 1000 t)			ETANOL TOTAL (Em 1000 l)			
	Safrá 2014/15	Safrá 2015/16	VAR. %	Safrá 2014/15	Safrá 2015/16	Variação	
						Absoluta	%
<b>NORTE</b>	<b>3.298,8</b>	<b>3.322,5</b>	<b>0,7</b>	<b>232.445,0</b>	<b>232.671,7</b>	<b>226,6</b>	<b>0,1</b>
RO	371,6	397,1	6,9	12.596,1	13.460,5	864,4	6,9
AM	57,1	104,4	83,0	2.918,6	5.913,4	2.994,8	102,6
PA	521,7	535,3	2,6	40.947,9	42.013,9	1.066,0	2,6
TO	2.348,4	2.285,7	-2,7	175.982,4	171.283,9	(4.698,6)	-2,7
<b>NORDESTE</b>	<b>25.921,5</b>	<b>28.022,9</b>	<b>8,1</b>	<b>1.906.908,4</b>	<b>2.077.467,9</b>	<b>170.559,5</b>	<b>8,9</b>
MA	2.287,1	2.641,0	15,5	179.461,2	207.410,4	27.949,2	15,6
PI	444,3	490,8	10,5	32.501,7	35.930,7	3.429,0	10,6
CE	130,5	138,9	6,4	9.132,4	9.720,2	587,8	6,4
RN	1.295,2	1.872,2	44,5	85.346,3	140.566,5	55.220,2	64,7
PB	5.132,1	5.358,5	4,4	390.350,5	407.572,5	17.222,0	4,4
PE	5.036,4	5.217,4	3,6	342.007,0	354.298,3	12.291,3	3,6
AL	7.090,0	7.173,9	1,2	516.937,0	523.053,3	6.116,3	1,2
SE	1.435,6	1.510,8	5,2	110.782,8	116.828,4	6.045,6	5,5
BA	3.070,4	3.619,3	17,9	240.389,4	282.087,5	41.698,1	17,3
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>97.315,4</b>	<b>101.135,3</b>	<b>3,9</b>	<b>7.755.161,0</b>	<b>8.056.153,4</b>	<b>300.992,5</b>	<b>3,9</b>
MT	14.011,0	14.239,4	1,6	1.151.798,7	1.170.573,5	18.774,7	1,6
MS	32.111,3	33.908,7	5,6	2.427.080,9	2.562.929,2	135.848,3	5,6
GO	51.193,0	52.987,2	3,5	4.176.281,3	4.322.650,8	146.369,5	3,5
<b>SUDESTE</b>	<b>213.929,4</b>	<b>213.502,6</b>	<b>-0,2</b>	<b>17.144.826,9</b>	<b>17.120.534,2</b>	<b>(24.292,7)</b>	<b>-0,1</b>
MG	34.532,6	38.181,7	10,6	2.740.844,5	3.073.076,4	332.231,9	12,1
ES	2.287,8	2.203,6	-3,7	161.799,3	155.427,2	(6.372,0)	-3,9
RJ	1.258,6	1.302,8	3,5	89.208,4	92.335,0	3.126,6	3,5
SP	175.850,4	171.814,5	-2,3	14.152.974,7	13.799.695,6	(353.279,0)	-2,5
<b>SUL</b>	<b>20.535,6</b>	<b>21.736,0</b>	<b>5,8</b>	<b>1.620.582,5</b>	<b>1.712.308,2</b>	<b>91.725,8</b>	<b>5,7</b>
PR	20.462,2	21.661,8	5,9	1.616.183,9	1.707.861,7	91.677,8	5,7
RS	73,4	74,2	1,1	4.398,5	4.446,5	47,9	1,1
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>29.220,3</b>	<b>31.345,4</b>	<b>7,3</b>	<b>2.139.353,4</b>	<b>2.310.139,5</b>	<b>170.786,1</b>	<b>8,0</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>331.780,4</b>	<b>336.373,9</b>	<b>1,4</b>	<b>26.520.570,3</b>	<b>26.888.995,8</b>	<b>368.425,6</b>	<b>1,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>361.000,7</b>	<b>367.719,4</b>	<b>1,9</b>	<b>28.659.923,7</b>	<b>29.199.135,4</b>	<b>539.211,7</b>	<b>1,9</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2015.

Tabela 7 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol anidro e produção de etanol anidro

REGIÃO/UF	CANA-DE-AÇÚCAR DESTINADA AO ETANOL ANIDRO (Em 1000 t)			ETANOL ANIDRO (Em 1000 l)			
	Safra 2014/15	Safra 2015/16	VAR. %	Safra 2014/15	Safra 2015/16	Variação	
						Absoluta	%
<b>NORTE</b>	<b>1.905,8</b>	<b>1.877,4</b>	<b>(1,5)</b>	<b>142.303,2</b>	<b>140.254,3</b>	<b>(2.048,9)</b>	<b>(1,4)</b>
PA	426,3	437,4	2,6	33.195,8	34.060,0	864,2	2,6
TO	1.479,5	1.440,0	(2,7)	109.107,4	106.194,3	(2.913,1)	(2,7)
<b>NORDESTE</b>	<b>16.293,7</b>	<b>17.958,8</b>	<b>10,2</b>	<b>1.181.293,3</b>	<b>1.315.210,7</b>	<b>133.917,4</b>	<b>11,3</b>
MA	2.120,6	2.368,7	11,7	165.872,3	185.194,8	19.322,5	11,6
PI	437,3	476,4	8,9	31.973,1	34.826,5	2.853,4	8,9
RN	944,3	1.339,3	41,8	61.497,7	99.325,6	37.827,9	61,5
PB	2.836,0	2.961,2	4,4	211.579,5	220.914,2	9.334,7	4,4
PE	2.918,1	3.023,0	3,6	194.590,7	201.584,1	6.993,4	3,6
AL	4.950,9	5.009,5	1,2	356.282,6	360.498,1	4.215,5	1,2
SE	369,8	376,0	1,7	27.639,3	28.150,2	510,9	1,8
BA	1.716,6	2.404,7	40,1	131.858,1	184.717,3	52.859,2	40,1
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>28.745,6</b>	<b>29.812,5</b>	<b>3,7</b>	<b>2.230.946,7</b>	<b>2.312.660,0</b>	<b>81.713,2</b>	<b>3,7</b>
MT	6.308,0	6.410,8	1,6	506.412,4	514.667,1	8.254,7	1,6
MS	8.495,1	8.970,6	5,6	622.125,2	656.946,8	34.821,5	5,6
GO	13.942,4	14.431,1	3,5	1.102.409,0	1.141.046,1	38.637,0	3,5
<b>SUDESTE</b>	<b>97.615,0</b>	<b>106.207,0</b>	<b>8,8</b>	<b>7.644.407,0</b>	<b>8.336.019,9</b>	<b>691.612,9</b>	<b>9,0</b>
MG	14.804,8	16.888,2	14,1	1.146.473,5	1.326.963,3	180.489,8	15,7
ES	1.580,2	1.658,4	4,9	110.268,0	115.721,9	5.453,9	4,9
SP	81.230,0	87.660,5	7,9	6.387.665,5	6.893.334,7	505.669,2	7,9
<b>SUL</b>	<b>6.892,6</b>	<b>8.213,9</b>	<b>19,2</b>	<b>529.092,1</b>	<b>630.518,5</b>	<b>101.426,3</b>	<b>19,2</b>
PR	6.892,6	8.213,9	19,2	529.092,1	630.518,5	101.426,3	19,2
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>18.199,5</b>	<b>19.836,2</b>	<b>9,0</b>	<b>1.323.596,5</b>	<b>1.455.465,0</b>	<b>131.868,6</b>	<b>10,0</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>133.253,2</b>	<b>144.233,5</b>	<b>8,2</b>	<b>10.404.445,8</b>	<b>11.279.198,3</b>	<b>874.752,5</b>	<b>8,4</b>
<b>BRASIL</b>	<b>151.452,7</b>	<b>164.069,64</b>	<b>8,3</b>	<b>11.728.042,3</b>	<b>12.734.663,4</b>	<b>1.006.621,0</b>	<b>8,6</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2015.

Tabela 8 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol hidratado e produção de etanol hidratado

REGIÃO/UF	CANHA-DE-AÇÚCAR DESTINADA AO ETANOL HIDRATADO (Em 1000 t)			ETANOL HIDRATADO ( Em 1.000 l)			
	Saфра 2014/15	Saфра 2015/16	VAR. %	Saфра 2014/15	Saфра 2015/16	Variação	
						Absoluta	%
<b>NORTE</b>	<b>1.393,0</b>	<b>1.445,1</b>	<b>3,7</b>	<b>90.141,9</b>	<b>92.417,4</b>	<b>2.275,5</b>	<b>2,5</b>
RO	371,6	397,1	6,9	12.596,1	13.460,5	864,4	6,9
AM	57,1	104,4	83,0	2.918,6	5.913,4	2.994,8	102,6
PA	95,4	97,9	2,6	7.752,1	7.954,0	201,8	2,6
TO	868,9	845,7	(2,7)	66.875,0	65.089,5	(1.785,5)	(2,7)
<b>NORDESTE</b>	<b>9.627,9</b>	<b>10.064,1</b>	<b>4,5</b>	<b>725.615,0</b>	<b>762.257,1</b>	<b>36.642,1</b>	<b>5,0</b>
MA	166,5	272,3	63,6	13.588,9	22.215,6	8.626,7	63,5
PI	6,9	14,5	108,9	528,6	1.104,3	575,6	108,9
CE	130,5	138,9	6,4	9.132,4	9.720,2	587,8	6,4
RN	350,9	532,9	51,9	23.848,6	41.240,9	17.392,3	72,9
PB	2.296,1	2.397,4	4,4	178.771,1	186.658,3	7.887,3	4,4
PE	2.118,3	2.194,4	3,6	147.416,2	152.714,2	5.298,0	3,6
AL	2.139,1	2.164,4	1,2	160.654,4	162.555,2	1.900,8	1,2
SE	1.065,8	1.134,8	6,5	83.143,5	88.678,2	5.534,7	6,7
BA	1.353,8	1.214,6	(10,3)	108.531,3	97.370,2	(11.161,1)	(10,3)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>68.569,8</b>	<b>71.322,7</b>	<b>4,0</b>	<b>5.524.214,2</b>	<b>5.743.493,5</b>	<b>219.279,2</b>	<b>4,0</b>
MT	7.703,0	7.828,5	1,6	645.386,3	655.906,3	10.520,0	1,6
MS	23.616,2	24.938,0	5,6	1.804.955,7	1.905.982,4	101.026,7	5,6
GO	37.250,6	38.556,1	3,5	3.073.872,3	3.181.604,8	107.732,5	3,5
<b>SUDESTE</b>	<b>116.314,4</b>	<b>107.295,6</b>	<b>(7,8)</b>	<b>9.500.419,9</b>	<b>8.784.514,3</b>	<b>(715.905,6)</b>	<b>(7,5)</b>
MG	19.727,8	21.293,5	7,9	1.594.371,0	1.746.113,1	151.742,0	9,5
ES	707,6	545,2	(22,9)	51.531,3	39.705,4	(11.825,9)	(22,9)
RJ	1.258,6	1.302,8	3,5	89.208,4	92.335,0	3.126,6	3,5
SP	94.620,3	84.154,1	(11,1)	7.765.309,2	6.906.360,9	(858.948,3)	(11,1)
<b>SUL</b>	<b>13.643,0</b>	<b>13.522,2</b>	<b>(0,9)</b>	<b>1.091.490,3</b>	<b>1.081.789,7</b>	<b>(9.700,6)</b>	<b>(0,9)</b>
PR	13.569,6	13.448,0	(0,9)	1.087.091,8	1.077.343,3	(9.748,5)	(0,9)
RS	73,4	74,2	1,1	4.398,5	4.446,5	47,9	1,1
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>11.020,8</b>	<b>11.509,3</b>	<b>4,4</b>	<b>815.756,9</b>	<b>854.674,5</b>	<b>38.917,6</b>	<b>4,8</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>198.527,2</b>	<b>192.140,5</b>	<b>(3,2)</b>	<b>16.116.124,4</b>	<b>15.609.797,5</b>	<b>(506.326,9)</b>	<b>(3,1)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>209.548,1</b>	<b>203.649,7</b>	<b>(2,8)</b>	<b>16.931.881,4</b>	<b>16.464.472,0</b>	<b>(467.409,4)</b>	<b>(2,8)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2015.

**SUREG AC**

Filomeno Gomes de Freitas  
Travessa do Icó, 180  
Estação Experimental  
69.901-180, Rio Branco (AC)  
Fone: (68) 3227-7959  
ac.sureg@conab.gov.br

**SUREG AL**

Elizeu José Rego  
Rua Senador Mendonça, 148  
Edifício Walmap, 8º e 9º andar  
57.020-030, Maceió (AL)  
Fone: (82) 3358-6145  
al.sureg@conab.gov.br

**SUREG AM**

Antônio Batista da Silva  
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196  
Distrito Industrial  
69.075-830, Manaus (AM)  
Fone: (92) 3182-2404  
am.sureg@conab.gov.br

**SUREG AP**

Asdrúbal Silva de Oliveira  
Avenida Hamilton Silva, 1500  
Bairro Central  
68.900-068, Macapá (AP)  
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003  
ap.sureg@conab.gov.br

**SUREG BA**

Bruno Miguel Rodrigues Guimarães  
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840  
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba  
41.821-900, Salvador (BA)  
Fone: (71) 3417-8630  
ba.sureg@conab.gov.br

**SUREG CE**

Anastácio Jorge Rocha Fontelles  
Rua Antônio Pompeu, 555  
Bairro José Bonifácio  
60.040-001, Fortaleza (CE)  
Fone: (85) 3252-1722  
ce.sureg@conab.gov.br

**SUREG DF**

Sebastião Pereira Gomes  
Setor Indústria e Abastecimento Sul  
Trecho 5, Lotes 300/400  
71.205-050, Brasília (DF)  
Fone: (61) 3363-2502  
df.sureg@conab.gov.br

**SUREG ES**

Bricio Alves Santos Júnior  
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702  
Ed. Vitória Center, Centro  
29.010-904, Vitória (ES)  
Fone: (27) 3041-4005  
es.sureg@conab.gov.br

**SUREG GO**

Eurípedes Malaquias de Souza  
Avenida Meia Ponte, 2748  
Setor Santa Genoveva  
74.670-400, Goiânia (GO)  
Fone: (62) 3269-7400  
go.sureg@conab.gov.br

**SUREG MA**

Margareth de Cassia Oliveira Aquino  
Rua das Sabias, 4, Quadra 5  
Lote 4 e 5. Bairro Jardim Renascença  
65.071-750, São Luiz (MA)  
Fone: (98) 2109-1301  
ma.sureg@conab.gov.br

**SUREG MS**

Antônio Benedito Dota  
Avenida Mato Grosso, 1022  
Centro  
79.002-232, Campo Grande (MS)  
Fone: (67) 3383-4566  
ms.sureg@conab.gov.br

**SUREG MT**

Petrônio de Aquino Sobrinho  
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510  
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino  
78015-240, Cuiabá (MT)  
Fone: (65) 3616-3803  
mt.sureg@conab.gov.br

**SUREG MG**

Osvaldo Teixeira de Souza Filho  
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756  
Bairro de Lourdes  
30.180-150, Belo Horizonte (MG)  
Fone: (31) 3290-2800  
mg.sureg@conab.gov.br

**SUREG PA**

Moacir da Cruz Rocha  
Rua Joaquim Nabuco, 23  
Bairro Nazaré  
66.055-300, Belém (PA)  
Fone: (91) 3224-2374  
pa.sureg@conab.gov.br

**SUREG PB**

Gustavo Guimarães Lima  
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n  
Bairro Cruz das Armas  
58.085-010, João Pessoa (PB)  
Fone: (83) 3242-5864  
pb.sureg@conab.gov.br

**SUREG PE**

Roberto Pereira Lins  
Estrada do Barbalho, 960  
Bairro Iputinga  
50.690-000, Recife (PE)  
Fone: (81) 3271-4291  
pe.sureg@conab.gov.br

**SUREG PI**

Manuel Araújo da Rocha  
Rua Honório de Paiva, 475  
Sul – Pícarra  
64.017-112, Teresina (PI)  
Fone: (86) 3194-5400  
pi.sureg@conab.gov.br

**SUREG PR**

Erlí de Pádua Ribeiro  
Rua Mauá, 1.116  
Bairro Alto da Glória  
80.030-200, Curitiba (PR)  
Fone: (41) 3313-3209  
pr.sureg@conab.gov.br

**SUREG RJ**

Ludmila Brandão  
Rua da Alfândega, nº 91  
11º, 12º e 14º andares  
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)  
Fone: (21) 2509-7416  
rj.sureg@conab.gov.br

**SUREG RN**

João Maria Lúcio da Silva  
Avenida Jerônimo Câmara, 1814  
Bairro Lagoa Nova  
59.060-300, Natal (RN)  
Fone: (84) 4006-7619  
m.sureg@conab.gov.br

**SUREG RO**

Everaldo da Silva Santos  
Avenida Farquar, 3305  
Bairro Pedrinhas  
78.904-660, Porto Velho (RO)  
Fone: (69) 3216-8420  
ro.sureg@conab.gov.br

**SUREG RR**

Maria Darcy de Almeida  
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A  
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana  
69.309-690, Boa Vista (RR)  
Fone: (95) 3224-7599  
rr.sureg@conab.gov.br

**SUREG RS**

Glauto Lisboa Melo Junior  
Rua Quintino Bocaiúva, 57  
Bairro Floresta  
90.440-051, Porto Alegre (RS)  
Fone: (51) 3326-6400  
rs.sureg@conab.gov.br

**SUREG SC**

Sione Lauro de Souza  
Rua Francisco Pedro Machado, s/n  
Bairro Barreiros  
88.117-402, São José (SC)  
Fone: (48) 3381-7270  
sc.sureg@conab.gov.br

**SUREG SE**

Emanuel Carneiro de Lima e Silva  
Avenida Dr. Carlos Rodrigues Cruz, s/n.  
Centro Adm. Augusto Franco  
49.180-180, Aracaju (SE)  
Fone: (79) 3209-1523  
se.sureg@conab.gov.br

**SUREG SP**

Alfredo Luiz Brienza Coli  
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,  
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista  
01.404-901, São Paulo (SP)  
Fone: (11) 3264-4800  
sp.sureg@conab.gov.br

**SUREG TO**

Jalbas Aires Manduca  
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado  
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul  
77.016-330, Palmas (TO)  
Fone: (63) 3218-7401  
to.sureg@conab.gov.br

**Distribuição:**

**Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)**

**Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)**

**Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)**

**Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)**

**Gerência de Geotecnologias (Geote)**

**SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF**

**(61) 3312-6277/6280**

**<http://www.conab.gov.br> / [geasa@conab.gov.br](mailto:geasa@conab.gov.br) / [geote@conab.gov.br](mailto:geote@conab.gov.br)**



Ministério da  
**Agricultura, Pecuária  
e Abastecimento**

